UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE DE RIBEIRÃO PRETO

JOÃO PAULO TORRES DI GILIO

**O jogador de quadra adicional no handebol: perspectivas de treinadores
brasileiros sobre a estratégia**

RIBEIRÃO PRETO

2021

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE DE RIBEIRÃO PRETO

JOÃO PAULO TORRES DI GILIO

**O jogador de quadra adicional no handebol: perspectivas de treinadores
brasileiros sobre a estratégia**

Versão original

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação da Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Educação Física e Esporte.

Área de Concentração: Aspectos Pedagógicos e Socioculturais do Esporte.

Supervisor/Orientador: Prof. Dr. Rafael Pombo Menezes

RIBEIRÃO PRETO

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Gilio, João Paulo Torres Di

O jogador de quadra adicional no handebol: perspectivas de treinadores brasileiros sobre a estratégia. Ribeirão Preto, 2021. 91 p.

Dissertação de Mestrado, apresentada à Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Aspectos Pedagógicos e Socioculturais do Esporte.

Orientador: Rafael Pombo Menezes.

1. Handebol; 2. Jogador de Quadra Adicional; 3. Estratégia; 4. Tática; 5. Ensino.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Nome: GILIO, João Paulo Torres Di

Título: O jogador de quadra adicional no handebol: perspectivas de treinadores brasileiros sobre a estratégia

Dissertação apresentada ao programa Educação Física e Esporte da EEFERP-USP como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Educação Física e Esporte na Área de Aspectos Pedagógicos e Socioculturais do Esporte.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Guy Ginciene

Instituição: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança - UFRGS

Avaliação: _____

Prof. Dr. Pablo Juan Greco

Instituição: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional - UFMG

Avaliação: _____

Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques

Instituição: Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto - USP

Avaliação: _____

AGRADECIMENTOS

Aproveito o espaço para agradecer a todos e todas que contribuíram com meu desenvolvimento para que fosse possível pleitear esse título. Gostaria de agradecer em especial algumas pessoas e instituições que deram suporte para que esse projeto acontecesse.

À minha mãe, Maria Clotilde de Campos Torres, a pessoa mais importante da minha vida. Mulher guerreira que criou um filho sozinha enquanto também se desdobrava como dona de casa, secretária, cabeleireira, manicure, faxineira, costureira, cozinheira, cuidadora e, hoje, professora. Mulher que não pensou duas vezes em acompanhar o filho em uma mudança brusca de local e rotina. Mulher que com 56 anos formou-se professora e observa seu filho pleitear um título de mestrado.

Aos demais familiares (avó e avô, tios e tias, primos e primas) que, mesmo de longe, continuam contribuindo e auxiliando no meu desenvolvimento como cidadão. Destaco minha avó, mulher nascida em 1925 e mãe de 9 filhos, que continua ensinando a todos lições e valores essenciais para o mundo que vivemos.

À minha namorada, Julia Marchiori, por dar suporte, confiança e amor nos momentos mais difíceis durante o mestrado. Aos companheiros e às companheiras de trajetória que reconfortam e divertem o dia a dia através de amizades ricas em vivências, comemorações e trocas. Realço todas as amizades construídas ao longo da vida: os amigos que compartilharam as brincadeiras que tomavam as tardes e noites da rua que cresci em Taubaté; aqueles muitos amigos que compartilharam salas de aula, pátios e quadras ao longo das diferentes escolas que estudei; amigos e amigas do período em que estive em Campinas (companheiros de república, de graduação, de time, de trabalho, de festas...); amigos e amigas que me receberam e me acolheram em Ribeirão Preto como um velho conhecido.

A todos os professores que percorreram minha trajetória meu caminho e sentimento de gratidão é eterno. Saliento o papel dos professores Sérgio Settani Giglio e Rafael Pombo Menezes e da professora Heloisa Helena Baldy dos Reis no meu desenvolvimento profissional, seja no campo da pedagogia do esporte ou em aspectos mais amplos que abrangem a prática como professor. A relação com o Rafa, difícil citar de outra forma, ao longo do mestrado foi fácil tal qual aconselhar-se com um amigo próximo e refletiu sua personalidade e seus valores que justificam a posição de destaque que ocupa profissionalmente e no cenário do handebol brasileiro, sul-americano e mundial. Também agradeço o papel e a parceria do professor Renato Francisco

Rodrigues Marques ao longo do mestrado que, desde o processo seletivo, mostrou-se preocupado e disposto a contribuir com minha formação e com o amadurecimento do projeto.

Às instituições de ensino que me formaram, o colégio Embraer Juarez Wanderley, a UNICAMP e a USP. Agradeço ao Instituto Embraer de Educação e Pesquisa que, por meio do Colégio Juarez Wanderley, fornece ensino médio de elite e de graça para estudantes de escolas públicas do Vale do Paraíba.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao programa de pós-graduação da EEFERP-USP pela possibilidade de realizar a pós-graduação *stricto sensu* em um dos melhores centros do país. Meus agradecimentos aparecem acompanhados de uma súplica pela valorização das instituições públicas de ensino e pela maior participação e ocupação dos seus espaços pelos setores que mais precisam da universidade gratuita e de excelência.

A todos os treinadores participantes que contribuíram com o projeto, companheiros de profissão com sucesso inegável que disponibilizaram seus tempos de descanso para ouvir e ajudar um jovem treinador a solucionar um problema comum a tantos outros.

À memória da Malu, minha cachorrinha, companheira fiel ao longo dos últimos 16 anos e que descansou no dia 01/02/2021, durante a finalização desta dissertação. Obrigado por toda a parceria minha filha!

EPÍGRAFE

“Quando somos jovens professores, fazemos muitas coisas que, mais maduros, não faríamos. Nesse mundo da prática pedagógica, especialmente aquele onde vivíamos, as coisas aconteciam diferentes a cada dia, como se as surpresas estivessem sempre de tocaia, testando nossa capacidade. Com o passar dos anos, professores que dão muitas aulas acumulam um acervo considerável de experiências. Embora essas não se encaixem necessariamente nas situações novas, servem como referência, de modo que vai ficando mais fácil sacar soluções. Por outro lado, o tempo e o amadurecimento por vezes subtraem a ousadia da criatividade, tão importante nos jovens. Naquele tempo, eu e meus companheiros, todos muito jovens, tínhamos ideias novas todos os dias, o que não significa que eram boas. Elas só se mostravam boas ou más, eficazes ou ineficazes, quando testadas na prática, e, às vezes, depois de um longo tempo...”

(1), p.111)

RESUMO

As alterações regulamentares do handebol em 2016 trouxeram implicações estratégicas, táticas e técnicas para o jogo com jogador de quadra adicional (JQA). As modificações estruturais trouxeram novas possibilidades de organização ao jogo de handebol com JQA. A pesquisa objetivou analisar os discursos dos treinadores das categorias adultas do handebol brasileiro sobre como eles concebem o uso do JQA e como operacionalizam os comportamentos específicos no processo de treino. Apoiou-se na pesquisa qualitativa porque permitiu que os treinadores explorassem temas que envolvem a utilização do JQA atribuindo significados pertinentes ao problema de pesquisa levantado. A produção dos dados deu-se por meio de entrevistas semiestruturadas com sete treinadores brasileiros de handebol. O processo de exclusão selecionou treinadores que: 1. Classificaram-se entre as quatro melhores equipes na liga nacional de handebol da categoria adulta em pelo menos uma das temporadas de 2016 a 2018; e/ou 2. Participaram de comissões técnicas das seleções brasileiras das categorias adultas no período entre 2016 e 2018. Os dados foram analisados por meio da análise temática reflexiva e as análises enfatizaram aspectos específicos dos dados por uma abordagem preferencialmente teórico-dedutiva, latente e construcionista. Identificaram-se três temas e seis subtemas, sendo que cada tema contou com dois subtemas. O primeiro tema discutiu as adaptações estratégicas, táticas e técnicas para o jogo com e contra JQA depois das alterações regulamentares de 2016 e apontou as abordagens contempladas pelo Game Based Approach como alternativas pedagógicas para o ensino dos conteúdos do jogo com JQA. Enquanto no segundo tema tratou de comportamentos específicos do retorno defensivo, de aspectos referentes à substituição do JQA, das possibilidades de sistematização defensiva mediante utilização do JQA por parte da equipe adversária e de ações tático-técnicas que buscam o equilíbrio defensivo. Já o terceiro tema abordou as possibilidades de utilização estratégico-tática do JQA durante a fase ofensiva, como os objetivos durante a utilização para propor a superioridade numérica e os comportamentos específicos do jogo sem goleiro. Conclui-se que o uso do JQA tem objetivos similares aos empregados à estratégia anteriormente às alterações regulamentares de 2016, porém as modificações na regra trouxeram novas possibilidades de organização ao jogo sem goleiro no handebol. Esta pesquisa construiu conhecimentos relevantes para a identificação de indicadores relevantes para o modelo de jogo no handebol. Os questionamentos apresentados auxiliam a formação de novos treinadores e contribuem para o campo da pedagogia do esporte e do handebol.

Palavras-chave: 1. Handebol; 2. Jogador de Quadra Adicional; 3. Estratégia; 4. Tática; 5. Ensino.

The additional court player in handball: Brazilian coaches' perspectives on the strategy

ABSTRACT

The changes in the handball rules in 2016 brought strategic, tactical, and technical implications for the game with additional court player (ACP). The structural changes brought new possibilities of organization to the handball game with JQA. The research aimed to analyze how the coaches of the adult categories of Brazilian handball conceive the use of ACP and how they develop specific behaviors in the training process. It was supported by qualitative research because it allowed coaches to explore themes that involve the use of ACP by assigning pertinent meanings to the research problem. Data were produced through semi-structured interviews with seven Brazilian handball coaches. The exclusion process selected coaches who: 1. Ranked in the top four teams in the senior national handball league in at least one of the seasons from 2016 to 2018; and / or 2. Participated in coaching staffs of the Brazilian seniors' national teams between 2016 and 2018. The data were analyzed through reflective thematic analysis and the analyzes emphasized specific aspects of the data through a theoretical-deductive, latent and constructionist approach. Three themes and six sub-themes were identified. The first theme discussed the strategic, tactical, and technical adaptations for the game with and against ACP after the 2016 rules changes and pointed out the Game Based Approach as pedagogical alternative for teaching the specific behaviors of ACP. The second theme dealt with specific defensive return behaviors, aspects related to the ACP substitution, the possibilities of defensive systematization by the ACP use by the opposing team and tactical-technical actions that aim a defensive balance. The third theme show the possibilities of strategic-tactical use of ACP during the offensive phase, such as the use to propose numerical superiority and the specific behaviors of the game without a goalkeeper. It is concluded that the goals of using ACP currently are like those noted previously to the changes in the rules in 2016. This research shows knowledge to identify relevant indicators to build a game model. The questions presented help handball coaches and contribute to the field of sport and handball pedagogy.

Keywords: 1. Handball; 2. Additional court player; 3. Strategy; 4. Tactic; 5. Teaching.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Quadro com os dados coletados dos arquivos da IHF	36
Quadro 2. Quadro com as características dos treinadores entrevistados.....	41
Quadro 3. Quadro com as perguntas norteadoras do bloco 1 da entrevista semiestruturada.....	93
Quadro 4. Quadro com as perguntas norteadoras do bloco 2 da entrevista semiestruturada.....	93
Quadro 5. Quadro com as perguntas norteadoras do bloco 3 da entrevista semiestruturada.....	93

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Foto do jogo entre Alemanha (branco) e Espanha (vermelho) pelo campeonato europeu de handebol de 2016.....	19
Figura 2. Foto do jogo entre Portugal (branco) e França (azul) pelas qualificatórias do campeonato europeu de handebol em 2020.....	20
Figura 3. Processo de familiarização com os dados e de produção de códigos (fases 1 e 2 da ATR).....	29
Figura 4. Produção inicial dos temas (fase 3 da ATR).....	29
Figura 5. Processo de produção, revisão e nomeação dos temas (fases 4 e 5 da ATR)..	30
Figura 6. Mapa temático com os temas e subtemas desenvolvidos em cada artigo.....	31
Figura 7. Mapa temático dos temas e subtemas do artigo 1.....	42
Figura 8. Mapa temático dos temas e subtemas do artigo 2.....	57
Figura 9. Mapa temático dos temas e subtemas do artigo 3.....	71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EF	Educação Física
CEJW	Colégio Embraer Juarez Wanderley
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo
GEPEH	Grupo de Estudos e Pesquisas em Esportes e Humanidades
ACH	Associação Campineira de Handebol
VHK	Viborg Håndbold Klub
JQA	Jogador de Quadra Adicional
EEFERP	Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto
IHF	Federação Internacional de Handebol
LNH	Liga Nacional de Handebol
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
ATR	Análise Temática Reflexiva
GBA	Game Based Approach
TGfU	Teaching Games for Understanding

SUMÁRIO

FICHA CATALOGRÁFICA.....	2
FOLHA DE AVALIAÇÃO.....	3
AGRADECIMENTOS.....	4
EPÍGRAFE	6
RESUMO	7
ABSTRACT	8
LISTA DE QUADROS	9
LISTA DE FIGURAS	9
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	10
APRESENTAÇÃO	12
ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	16
INTRODUÇÃO.....	18
Delimitação do problema	19
OBJETIVOS	23
Objetivos gerais	23
Objetivos específicos	23
MÉTODO.....	24
Participantes e aspectos éticos.....	24
Produção dos dados.....	26
Análise das entrevistas	27
CAPÍTULO 1 - O jogador de quadra adicional no processo de treino e jogo	32
Jogador de quadra adicional no handebol: possibilidades de variações táticas e suas implicações no processo de treino	33
CAPÍTULO 2 - O jogador de quadra adicional durante a fase defensiva	52
O uso do jogador de quadra adicional no handebol e suas implicações para os comportamentos defensivos	53
CAPÍTULO 3 - O jogador de quadra adicional durante a fase ofensiva	66
Possibilidades e comportamentos da utilização do jogador de quadra adicional durante a fase ofensiva do jogo de handebol.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERENCIAS.....	85
ANEXOS	89
ANEXO 1 - APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	90
ANEXO 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	93

APRESENTAÇÃO

Acredito que eu, assim como grande parte dos graduados em Educação Física pelo Brasil, optei pela área devido à ampla bagagem cultural relativa às práticas corporais que realizamos ao longo da vida. Enquanto criança era amante dos movimentos, em suas diferentes interpretações e significados. Sobrinho de mestre de Capoeira, cresci vivenciando essa arte afro-brasileira. Outro ponto de destaque que deu suporte à essa escolha foi a aproximação com os esportes durante a infância e a juventude, principalmente o handebol. O primeiro contato com o handebol se deu na escola e logo já estava envolvido com as escolas de handebol da cidade de Taubaté-SP. Ao ingressar no Colégio Embraer Juarez Wanderley (CEJW) para cursar o ensino médio me distanciei das equipes competitivas de Taubaté por conta da demanda de estudos e questões de logística provenientes de estudar em outra cidade. Ainda assim, pude vivenciar diversas competições escolares regionais e estaduais defendendo o CEJW.

Já na UNICAMP, sempre estive atuando no esporte universitário e amador, assim participei de campeonatos de âmbito regional e estadual. Desde os primeiros anos, busquei me envolver nas diversas oportunidades de estágios que a graduação em Educação Física ofereceu. No segundo ano já iniciava a prática como treinador de handebol universitário. No mesmo semestre que começava essa prática, também iniciava o envolvimento com a carreira acadêmica, desenvolvendo a minha primeira iniciação científica, porém em outra área e com outra temática.

No segundo semestre de 2014, tive contato pela primeira vez com o professor Sérgio Settani Giglio – recém incorporado ao quadro de professores. O professor Sérgio ministrava as aulas de Esporte Coletivo, disciplina que tem caráter obrigatório na grade curricular dos estudantes e que, no meu caso, foi um marco para a formação profissional. A essa altura, os trabalhos práticos como treinador universitário já me despertavam inúmeras dúvidas e a disciplina de Esporte Coletivo me amparou. O brilho que me saltava aos olhos não se referia ao mero esclarecimento das dúvidas, mas por me mostrar que aquela prática que realizava era respaldada por um subcampo intelectual de investigações que mais tarde conheceria por Pedagogia do Esporte. Logo, encantei-me por essa área de pesquisa e comecei a me envolver mais.

Entre o quarto semestre da graduação e início do quinto, com o encerramento da disciplina e a sede por mais espaços que contemplassem os debates realizados na disciplina, foi criado por nós – alunos daquela turma da disciplina – liderados pelo professor Sérgio, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Esportes e Humanidades

(GEPEH). A partir do GEPEH também foi desenvolvido o Projeto de Extensão Universitária da Escola de Esportes Coletivos, no qual os estudantes do GEPEH ministraram aulas das mais diversas práticas esportivas para a comunidade local. A partir dos relatórios das aulas ministradas nas extensões e das leituras semanais de textos propostos pelo professor e pelos integrantes do grupo, o contexto das aulas do projeto era discutido. O embasamento teórico sustentava o debate acerca dos diversos problemas enfrentados nas aulas para que buscássemos alternativas às adversidades encontradas.

Ao fim do primeiro semestre de experiências com a Escola de Esportes Coletivos e em conjunto com o professor Sérgio, elaboramos os primeiros escopos do que viria a ser a minha segunda iniciação científica que buscou entender como o handebol estava sendo ensinado para a categoria infantil (12-14 anos). Identificava semelhanças entre a categoria estudada e o perfil dos atletas universitários que comandava nas equipes que trabalhava e buscava entender como treinadores mais experientes tratavam as problemáticas da categoria. Esse projeto de iniciação científica foi submetido ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UNICAMP, em 2015-2016 e, depois, veio a ser apresentado como trabalho de conclusão de curso da graduação no fim de 2018. A experiência que adquiri como treinador universitário e com a pesquisa possibilitou-me inserir em espaços dentro do handebol brasileiro o qual não tive contato como jogador.

No início do ano de 2017, fui convidado a fazer parte da comissão técnica da Associação Campineira de Handebol (ACH) a qual tinha os 61º jogos regionais como maior objetivo daquele ano. A conquista da prata não foi o resultado que esperávamos, mas a experiência foi riquíssima para um treinador jovem que havia acabado de estreiar na categoria adulta em ambiente competitivo. Os trabalhos com a ACH foram interrompidos ao fim dos jogos regionais por conta de um intercâmbio estudantil para a Dinamarca. O destino não poderia ser melhor para um estudante que postulava trabalhar como treinador de handebol, pois o país possui uma cultura rica em torno do esporte e era o atual campeão olímpico masculino. O vínculo estabelecido pelo edital me proporcionou um semestre de estudos na Gymnastik og Idrætshøjskolen (Gymnastics and Sports Academy) na cidade de Viborg.

A cidade de Viborg é a sede do clube de handebol feminino, Viborg Håndbold Klub (VHK), que obteve grandes conquistas no handebol europeu ao longo das últimas décadas, como o principal campeonato europeu feminino de clubes (champions league)

por três vezes. Em um dos primeiros fins de semana na cidade fui acompanhar um jogo da liga dinamarquesa e pude me encontrar com o treinador da equipe que me convidou a acompanhar a rotina de treinamento do VHK sempre que pudesse. Por vezes, eu consegui acompanhar o processo de treino e jogo da equipe alcançando uma oportunidade muito marcante de aprendizado no meu processo de formação como treinador e pesquisador.

Ao retornar para o Brasil em 2018, retomei os trabalhos com o handebol universitário e assumi o comando técnico das equipes adulta feminina e juvenil masculina da ACH. Como estava com poucas disciplinas restantes para o fim da graduação, pude direcionar os esforços para o trabalho com o handebol. Com a ACH participando de ligas regionais e estaduais, além dos jogos organizados pela Secretária de Esportes do Estado de São Paulo, consegui alcançar outros ambientes de prática dentro do esporte que me desafiavam mais ainda como treinador. Um dos temas que mais me incomodava dizia respeito à alteração da regra que aborda a utilização do jogador de quadra adicional (JQA) no handebol em 2016. Percebi que, depois dessa alteração, as equipes utilizavam mais a estratégia e, desse modo, via-me com ânsia de compreender as formas como os treinadores¹ adversários as utilizavam.

A sede por solucionar os problemas que encontrava na prática me atraía e comecei a refletir sobre o que viria a ser a pergunta central do meu projeto de mestrado. Procurei, mais uma vez, os meios de fazer ciência que estavam disponíveis para tentar resolver esse imbróglio. Dessa vez, como estava no fim da graduação e com a monografia encaminhada, decidi optar pelo mestrado com o objetivo de produzir um conteúdo tangível aos treinadores de handebol e, ao mesmo tempo, útil para discutir os problemas emergentes da pedagogia do esporte. A Profa. Dra. Heloísa Helena Baldy dos Reis me sugeriu que tentasse uma vaga no programa de mestrado da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP) da Universidade de São Paulo (USP), sob orientação do Prof. Dr. Rafael Pombo Menezes. De prontidão, cativei-me com a ideia e dei início às conversas com o Prof. Rafael para apresentar e adequar a proposta à linha de estudos dele.

¹ Neste trabalho utilizou-se o termo treinadores no gênero masculino como designação da profissão que pode e deve ser exercida por mulheres. Entende-se e exalta-se todo o trabalho realizado para o empoderamento feminino em áreas profissionais com postos ocupados majoritariamente por homens, porém por uma questão usual e de convenção gramatical optou-se por apresentar o termo somente no seu gênero masculino.

No fim de 2018 e início de 2019, prestei o processo seletivo para ingressar no mestrado do programa de pós-graduação da EEFERP, com o projeto intitulado “A utilização de goleiro-linha no handebol: características relevantes na opinião de treinadores de sucesso”. Com a aprovação no processo seletivo, desliguei-me da ACH e decidi me mudar de Campinas para Ribeirão Preto a fim de me formar no mestrado.

Já em Ribeirão Preto, continuei trabalhando como treinador no handebol universitário e jogando competições regionais e universitárias. Sem financiamento para o desenvolvimento do mestrado, precisei me aventurar em outros campos da educação física para complementar a renda, o que permitiu que experimentasse novos desafios profissionais. Assim, tive a oportunidade de trabalhar em uma academia de ginástica, iniciei um projeto de treinamento individualizado e coletivo com alguns alunos, e me inseri na educação física escolar como professor na educação infantil. Contribui com os primeiros passos da Associação de Treinadoras e Treinadores pelo Handebol e Handebol de Areia por meio do grupo de trabalho do mini-handebol, handebol escolar e social.

Durante o mestrado, participei de três grupos de estudos e pesquisa diferentes, Grupo de Estudos e Pesquisa em Análise de Jogo, Grupo de Estudos e Pesquisa em Coaching e Grupo de Estudos e Pesquisa em Handebol. Desenvolvi dois trabalhos em parceria com os colegas de pesquisa dos diferentes grupos que foram apresentados em formato oral em congressos internacionais. Em conjunto com meu orientador produzimos três artigos diferentes (um publicado e dois aceitos para publicação), além dos três que compõe essa dissertação. As disciplinas que participei ao longo do mestrado apresentaram discussões aprofundadas sobre temáticas que cercam minha atuação acadêmica e profissional, principalmente as mais específicas da área que investigo como Análise do Jogo nos Esportes Coletivos e Pedagogia dos Esportes Coletivos. Participei do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino ao longo de três semestres, sendo dois na disciplina de Programa de Esporte Coletivo I – Handebol e Basquetebol e uma na disciplina de Pedagogia da Educação Física e do Esporte II.

Atualmente aguardo a convocação do edital de concurso público no qual fui aprovado para ingressar como treinador da equipe de handebol da prefeitura de Araraquara. Ao apresentar o processo que tange a minha formação acadêmica, profissional e pessoal, pretendeu-se elucidar o caminho e as barreiras enfrentadas para que fosse possível a produção e apresentação desta dissertação.

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Essa dissertação foi estruturada com base no modelo Escandinavo (ou alternativo), portanto apresentaram-se três capítulos referentes aos respectivos resultados produzidos. Ao buscar produzir conhecimentos relevantes para os diversos públicos que debruçam seus estudos no handebol, percebeu-se no modelo Escandinavo uma alternativa de estruturação por proporcionar um texto diretivo e com volume reduzido sem deixar a qualidade e a coesão serem afetadas, o que pode facilitar o acesso a esse conteúdo por sujeitos que se encontram além das fronteiras do campo acadêmico.

A presente dissertação organiza-se a partir das seguintes seções: a introdução, os métodos, o capítulo 1, o capítulo 2, o capítulo 3, a conclusão e as referências. A preocupação com a manutenção da qualidade e da coesão do texto proporcionou uma estruturação que mostrou os percursos da dissertação partindo da delimitação do problema até os apontamentos e conclusões. A introdução apresentou o problema de pesquisa que conduziu todos os trabalhos desenvolvidos. Os manuscritos produzidos abordam problemas específicos, assim na introdução preocupou-se em apresentar de maneira geral o problema de pesquisa. Também foram indicadas as justificativas da dissertação com a finalidade de evidenciar a relevância desta dissertação para o campo da pedagogia do esporte e do handebol. No fim da seção encontram-se os objetivos pré-estabelecidos que orientaram as escolhas metodológicas da dissertação, os resultados e as discussões de cada artigo.

Na seção dos métodos foram exibidos os cuidados metodológicos tomados durante a produção dos artigos. Houve preocupação por não deixar a seção redundante, pois todos os artigos foram elaborados partindo do mesmo percurso metodológico. Portanto, nesse primeiro momento, atentou-se em exibir de forma geral o caminho percorrido para que fosse possível o desenho metodológico apresentado. Cuidou-se para que o método fosse tratado de modo singular ao tratar os significados e as justificativas de cada conteúdo da seção, tendo em vista que a redação dos artigos conta com limitação de caracteres e abordagem mais direta da temática, o que levou à descrição de características específicas dos participantes e a apresentação das técnicas utilizadas.

Cada um dos três temas identificados foi tratado em um artigo específico, pois os temas apresentarem conteúdos diferentes que, por vezes, solicitaram referenciais teóricos específicos. No primeiro capítulo apresentou-se a discussão acerca do processo de treino e jogo com jogador de quadra adicional através do artigo intitulado “Jogador de quadra adicional no handebol: possibilidades de variações táticas e suas implicações

no processo de treino”. Pretendeu-se tratar nesse capítulo dos aspectos sugeridos pela utilização da estratégia em jogo depois da alteração regulamentar de 2016 e que implicaram nos comportamentos específicos do jogo. Ressaltou-se também as escolhas pedagógicas que mostraram-se mais adequadas para abordar os conteúdos referentes ao jogo com JQA no processo de treino.

O Capítulo 2 debateu as consequências da utilização do jogador de quadra adicional no comportamento defensivo das equipes com o artigo “O uso do jogador de quadra adicional no handebol e suas implicações para os comportamentos defensivos”. Aspectos inerentes à sistematização defensiva e aos comportamentos esperados pelos treinadores diante das diferentes possibilidades de jogo com o jogador de quadra adicional foram apresentados ao longo do capítulo a partir da opinião de treinadores brasileiros da categoria adulta. Produziram-se conhecimentos e argumentos que mostraram-se pertinentes para o processo de ensino do handebol, dessa forma possibilitou debater as alternativas adequadas para abordar esses conteúdos no processo de treino do handebol.

O artigo “Possibilidades e comportamentos da utilização do jogador de quadra adicional durante a fase ofensiva do jogo de handebol” foi agregado ao Capítulo 3, e apresentou algumas alternativas para o jogo ofensivo com o jogador de quadra adicional no handebol. O capítulo expôs as influências que interferem na utilização da estratégia do jogador de quadra adicional, além de trazer comportamentos pertinentes ao jogo sem goleiro. Informações relevantes para o processo de modelação do jogo de handebol durante situações específicas foram expostas com o propósito de contribuir com a prática profissional dos agentes que debruçam seus esforços no desenvolvimento do esporte, como treinadores, auxiliares técnicos ou analistas de desempenho.

A última seção destinou-se às considerações finais, na qual os resultados apresentados e discutidos ao longo dos três artigos foram sintetizados. As discussões retratadas ao longo da dissertação contribuíram com a construção das conclusões apresentadas nessa seção, dessa forma foram produzidos conhecimentos que colaboraram na resolução dos problemas que guiaram as pesquisas. As limitações desta pesquisa também foram retratadas nessa seção, assim como apontamentos futuros para a temática.

INTRODUÇÃO

O handebol é um Jogo Coletivo Esportivizado (JCE)² (2) caracterizado pelo confronto de duas equipes onde os comportamentos dos jogadores e suas relações de oposição e cooperação são orientadas pelo regulamento específico do esporte (3). O jogo de handebol é marcado pela disputa constante pela posse da bola, pois com ela é possível obter pontos que levam à vitória. A posse da bola e outros contextos específicos do jogo de handebol auxiliam na caracterização das suas distintas fases: defesa, transição ofensiva, ataque e transição defensiva (4). Os princípios de ação direcionam os objetivos da fase ofensiva e defensiva dos JCE (3), assim como das fases de transição no handebol (4, 5).

A compreensão do handebol à luz da teoria dos sistemas dinâmicos, propôs um entendimento do jogo a partir de um aspecto sistêmico, em que as relações ocorrem de forma simultânea, aleatória, imprevisível e não-linear respeitando a lógica do jogo (6). O entendimento do handebol a partir de uma compreensão sistêmica propõe um distanciamento do paradigma tradicional de ensino dos esportes coletivos (7), e rompe com a concepção de que o todo se constitui da somatória das partes. As regras específicas do esporte regulam as possibilidades de interação entre os jogadores estabelecendo uma lógica interna do jogo.

Alterações regulamentares que ocorreram em outras modalidades, como o goalball, o futsal e o voleibol, suscitaram novas possibilidades organizacionais ao jogo, dessa forma os jogadores organizaram-se estratégica, tática e tecnicamente de maneiras diferentes adaptando-se às modificações oferecidas (8). Novas possibilidades de organização podem partir de causas internas sem que haja interferência de referências estruturais (9), o que justifica a diferença entre jogos de temporadas diferentes já que as equipes estão sempre se estudando para superar o nível de jogo daquelas que detém hegemonia nas competições.

Diversas modalidades tiveram modificações regulamentares recentemente, como o futsal com as regras que delimitam uso do goleiro-linha e do linha-goleiro (10) e o handebol que facilitou a utilização do um jogador de quadra adicional (JQA - (11, 12). As recentes alterações regulamentares do handebol trouxeram implicações estratégicas,

² Adotamos a terminologia dos JCE por entender que o handebol, assim como o futsal, o futebol, o basquete e outros, é um jogo coletivo que sofre um processo de esportivização 2. Reis HHB. O ensino dos jogos coletivos esportivizados na escola. Brasil: Universidade Federal de Santa Maria; 1994..

táticas e técnicas para o jogo (13) que, por sua vez, despontam como um novo desafio para os sujeitos envolvidos no processo de treino e jogo do esporte.

Delimitação do problema

A estratégia de utilizar a figura do goleiro como um jogador extra de quadra ocorre desde a década de 1980, e sua utilização restringia-se às situações finais do jogo para gerar superioridade numérica ofensiva ou buscar uma igualdade (14). No período que antecedeu as alterações regulamentares de 2016 (11, 12), notaram-se treinadores que utilizavam o goleiro de origem (goleiro-linha) como um JQA e outros que escolhiam substituir os goleiros por jogadores especialistas para cumprir essa função (14). As regras que direcionam a utilização do JQA passaram por alterações antes dos Jogos Olímpicos de 2016, no Brasil. Para melhor caracterização das mudanças que afetaram a utilização dessa ferramenta comparou-se duas fotos, uma do jogo com JQA após punição de dois minutos antes das alterações regulamentares de 2016 (5+JQA vs 6 - Figura 1) e outra de um momento posterior à modificação em que utiliza-se o JQA para propor uma superioridade numérica ofensiva (6+JQA vs 6 - Figura 2). Um vídeo comparativo também foi elaborado com o intuito de facilitar a compreensão da modificação diante da dinâmica do jogo de handebol³.

Figura 1. Foto do jogo entre Alemanha (branco) e Espanha (vermelho) pelo campeonato europeu de handebol de 2016. *(retirado de vídeo divulgado pela EHF em domínio público)

³ O vídeo produzido a partir de lances de jogos disponíveis em domínio público pode ser consultado no link a seguir: <https://youtu.be/Zm4FQaLuZnI>

Figura 2. Foto do jogo entre Portugal (branco) e França (azul) pelas qualificatórias do campeonato europeu de handebol em 2020. *(retirado de vídeo divulgado pela EHF em domínio público)

A regra que limitava o uso dessa estratégia até 2016 obrigava a presença de um jogador caracterizado como goleiro durante todo o seu tempo de permanência em quadra (15). Dessa forma, o especialista de quadra que assumia a posição de goleiro tinha que entrar em jogo caracterizado com colete de cor predominante semelhante ao goleiro e que permite a visualização do seu número nas costas (14-17), como visto na Figura 1. Somente o atleta caracterizado poderia refazer a substituição com o goleiro de origem, mantendo a estrutura original do jogo de handebol com um jogador caracterizado como goleiro e os demais como jogadores de quadra. O atleta que substituíu o goleiro, uma vez que estivesse caracterizado como tal, poderia desempenhar a função de goleiro caso necessário (14, 15).

Duas pesquisas analisaram a eficácia do JQA durante campeonatos realizados antes da alteração no regulamento (16, 17). O campeonato europeu de handebol de 2016 foi analisado e apontaram que a estratégia do JQA foi utilizada principalmente nas situações em que a equipe estava com uma punição de dois minutos, assim a utilização deu-se para aproximar a relação numérica (17). A utilização da estratégia mostrou forte relação com o placar de jogo, dessa forma foi empregada para reduzir a diferença, buscar o empate e manter a vantagem no placar (17). Nesse campeonato não foram identificadas vantagens diretas no placar para as equipes que utilizaram o JQA, porém percebeu-se que a utilização para aproximar a relação numérica promoveu eficácia maior do que os dados apresentados por pesquisas que investigaram o desempenho do

ataque em inferioridade numérica sem o JQA(17). Já no campeonato mundial feminino de 2015, identificou-se que o uso do JQA por equipes em inferioridade numérica mostrou-se mais eficaz (45,45% dos ataques) do que àquelas ações em inferioridade numérica sem a utilização dessa estratégia (33,76% dos ataques)(16).

Conforme apresentado a Figura 2, o novo regulamento (18) retira a obrigação de manter em quadra um jogador caracterizado como goleiro. Assim, o jogador que realiza a substituição com o goleiro não precisa mais estar identificado com cores diferentes (11, 12). Desse modo, qualquer jogador pode ser substituído pelo goleiro, o que tornou o uso do JQA mais comum entre as equipes (19). De acordo com as mudanças recentes, diversos questionamentos emergem no campo prático e no teórico, referentes ao modo como essas alterações interferem a utilização do JQA durante o jogo de handebol, especialmente sobre sua dinâmica (13, 19-23).

Os treinadores brasileiros destacaram o uso do JQA, especialmente nas situações em que se busca aproximar a relação numérica (17), e seu uso está relacionado a situações específicas atreladas ao tempo de jogo, ao placar do jogo e ao comportamento defensivo, o que suscita dúvidas nos treinadores em como essa estratégia pode interferir o contexto de jogo (13). O jogo em superioridade numérica a partir do JQA trouxe implicações para o comportamento defensivo, pois dificulta a relação direta entre os pares (21), que fez emergir discussões sobre sua utilização em competições com adaptações regulamentares para a utilização de defesas individuais e abertas(21), como nas categorias mais jovens.

A investigação sobre a eficácia da utilização do JQA nos Jogos Olímpicos de 2016 não identificou vantagens significativas para as equipes que o utilizaram, o que pode ser justificado por ter sido o primeiro campeonato após alteração do regulamento (20). Na análise do campeonato mundial masculino de 2017, percebeu-se que a utilização do JQA trouxe influências comportamentais para o jogo do posto específico de central tanto nas situações de busca por uma aproximação na relação numérica (após exclusão por dois minutos) quanto nas sequências com superioridade (19). Nos mundiais masculino e feminino de 2017 a utilização dessa estratégia para aproximar a relação numérica nos momentos de exclusão mostrou-se mais eficaz do que os momentos semelhantes em que não optou-se pelo seu uso (19, 22) e os resultados foram corroborados na análise do campeonato europeu masculino de 2020 (23).

As recentes mudanças regulamentares do handebol (11, 12) possibilitam aos jogadores explorar relações diferentes dentro do jogo de handebol (19) e apresentam

novos desafios para o processo de treino e jogo. A maioria das pesquisas referentes a essa temática partem de uma abordagem quantitativa (16, 17, 19, 20, 22, 23), enquanto apenas uma revisão abordou o tema antes da alteração (14). Apenas duas pesquisas exploram o tema apoiando-se na abordagem qualitativa (13, 21), seja para abordar as implicações da mudança para o processo de formação dos jogadores de handebol (21) ou para analisar as implicações das alterações na dinâmica do jogo a partir da opinião de treinadores (13).

Diante do cenário das pesquisas que tratam de temas pertinentes aos treinadores de handebol, percebeu-se a necessidade de ampliar as investigações sobre temas pertinentes à prática profissional em contextos diferentes do europeu (24). Assim sendo, a temática dessa dissertação justifica-se, também, nas escassas investigações sobre a temática por meio dos discursos dos treinadores, na relevância do tema para o contexto atual do esporte e na escassez de pesquisas sobre as implicações do uso do JQA no processo de treino e nas escolhas do treinador durante o jogo.

OBJETIVOS

Objetivos gerais

Analisar os discursos dos treinadores das categorias adultas do handebol nacional sobre como concebem o uso do JQA e como operacionalizam seus conteúdos no processo de treino das suas equipes.

Objetivos específicos

Os objetivos específicos estruturam-se em cinco pilares que têm origem no objetivo geral da proposta. Os seis direcionamentos se sucedem para aprofundar a investigação que se pretendeu:

1. Identificar e discutir as concepções dos treinadores sobre o uso tático-estratégico do JQA;
2. Identificar as situações de uso do JQA e o modo como aplica-se a estratégia;
3. Perceber que variáveis interferem a tomada de decisão dos treinadores ao utilizar ou não o JQA;
4. Verificar como os treinadores se preparam para enfrentar equipes que utilizam o JQA;
5. Mapear o ensino dos aspectos que envolvem o JQA pelos treinadores.

MÉTODO

Essa pesquisa teve como prerrogativa dar voz aos treinadores de handebol para alcançar os objetivos pré-estipulados. Optou-se por um estudo de caráter qualitativo porque essa perspectiva possibilita investigar como determinados grupos atribuem significados a diversos temas (25), especificamente como os treinadores abordam os temas que envolvem a utilização do JQA.

O caminho metodológico da dissertação foi refinado com base em dois momentos principais: 1. Protocolo piloto; 2. Arguição da qualificação de mestrado. Duas entrevistas com treinadores regionais de handebol com experiências e conquistas expressivas no âmbito em que atuam foram realizadas como parte do protocolo piloto que, após a análise dos dados produzidos possibilitou refinar o instrumento de entrevista. A arguição da qualificação do projeto também colaborou substancialmente com o aperfeiçoamento do protocolo de análise que culminou com a escolha da análise temática reflexiva.

Após a arguição houve ajustes no processo de seleção dos participantes, assim delimitou-se o perfil de treinadores àqueles com expressividade nacional da categoria adulta, especificamente vinculados à Liga Nacional de Handebol (LNH) e às seleções nacionais da categoria adulta. Dentre os procedimentos para a produção de dados na pesquisa qualitativa selecionou-se a técnica de entrevista semiestruturada (26-28). Os dados produzidos pelas entrevistas foram interpretados e analisados por meio da análise temática reflexiva (ATR) (29, 30). A seguir descreve-se como ocorreram esses processos de: 1. escolha e identificação dos participantes; 2. produção dos dados; 3. análise dos dados.

Participantes e aspectos éticos

Participaram da pesquisa treinadores de handebol masculino e feminino da categoria adulta da LNH entre os anos de 2016 e 2018 ou treinadores participantes das comissões técnicas das seleções nacionais da categoria no mesmo período. Buscou-se investigar a opinião dos treinadores dado o potencial para apresentar informações relevantes sobre o processo de treino e jogo no handebol e por desempenharem papel fundamental na sua estruturação (31). Destaca-se que a partir dos 16 anos há uma maior preocupação dos treinadores por um processo de especialização dos jogadores voltado para o desempenho (32), o que reforça o caráter específico que esses jogadores podem alcançar na categoria adulta.

A escolha por treinadores das seleções e de equipes adultas femininas e masculinas ocorreu porque a categoria apresenta um contexto relevante para discutir a utilização do JQA devido ao seu caráter altamente especializado e voltado ao desempenho. Investigar essa categoria possibilitou dialogar diretamente com a base de dados levantada, dado que a maioria das pesquisas na área têm como foco o uso do JQA na categoria adulta (13, 14, 16, 17, 19, 20, 22, 23). O processo de seleção dos participantes da pesquisa foi realizado de maneira intencional de acordo com as reflexões destacadas anteriormente. Os critérios do processo de seleção elencaram treinadores e treinadoras:

- Brasileiros(as),
- Graduados(as) em Educação Física,
- Classificados entre as quatro melhores equipes da categoria na LNH em, ao menos, uma das três temporadas que sucederam a alteração do regulamento em 2016 (temporadas de 2016, 2017 e 2018). com resultados expressivos – equipes que alcançaram o Final Four⁴ –, e/ou
- Responsáveis pelas seleções nacionais adulta masculina e feminina no período entre os anos de 2016 e 2018.

Dez treinadores poderiam ser selecionados após a aplicação dos critérios de inclusão, entretanto não foi encontrado possibilidade de contato com um deles. Foi realizado o contato com nove treinadores, sete acenaram positivamente ao contato (70% do total possível) e dois treinadores não retornaram ou recusaram o convite para participação.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi elaborado por meio de um formulário no aplicativo Google Forms e enviado para os participantes no momento da entrevista. No TCLE constavam informações sobre a dissertação, os possíveis riscos e benefícios. Essa pesquisa fez parte de um projeto de pesquisa amplo já submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da EEFERP, da USP (CAAE: 39796814.8.0000.5659), conforme apresentado no parecer anexado (Anexo 1). Ao aceitar a participação na pesquisa, os participantes autorizaram a utilização dos seus dados de forma anônima, com garantia do sigilo de sua identidade e o cuidado para o

⁴ Final Four é o nome dado à fase final de disputa da Liga Nacional de Handebol nos últimos anos. Ele consiste em um fim de semana em que são disputados os jogos semifinais, disputa de 3º colocado e final.

tratamento e divulgação dos dados fornecidos. Para os tratamentos dos dados foram atribuídos códigos (de T1 a T7) referentes aos discursos de autoria de cada treinador. Os três artigos apresentados na dissertação contam com os mesmos participantes, assim suas características não foram apresentadas nessa seção e estão descritas no decorrer dos capítulos para evitar eventuais redundâncias.

Produção dos dados

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com base em um escopo de perguntas pré-estabelecidas que direcionam um possível percurso para a entrevista, embora o pesquisador possua liberdade para elaborar novas perguntas no seu decorrer (26, 27). Os procedimentos iniciaram por meio de um contato inicial com o participante realizado por meio de e-mail e/ou telefone. Nesse contato foram explicados os objetivos da pesquisa e a importância da participação do treinador. Com a sinalização positiva, procedeu-se ao agendamento da entrevista com data e horário em comum acordo para que fossem realizadas virtualmente por meio de aplicativos de videochamadas, como Skype, Google Meet e Zoom. As entrevistas foram gravadas e, em seguida, transcritas para um arquivo no programa Microsoft Word 2016 para posterior análise.

A justificativa por essa escolha metodológica perpassa pela autonomia proporcionada ao pesquisador para intervir durante a entrevista com questionamentos que possam aprofundar assuntos que não foram previstos e que apresentam relevância para o problema de pesquisa. Entrevistas mostram-se importantes para a produção de dados em pesquisas qualitativas por proporcionarem aos participantes um ambiente favorável ao diálogo livre que favorece a manifestação de ideias (26-28, 33). Os participantes instigam a subjetividade do processo ao transparecerem seus significados sobre os temas, situação na qual o entrevistado relata o que recorda e reconstitui seu passado e suas experiências (34). As entrevistas permitem a imersão do pesquisador na realidade dos participantes para perceber temas que refletem o modo como cada um compreende e significa sua ação (33).

As entrevistas contaram com dezessete questões norteadoras estabelecidas a partir dos objetivos da pesquisa, que foram elaboradas relacionando a utilização do JQA com as decisões que envolvem seu uso: momento do jogo, posto específico do atleta que faz a substituição, participação na fase ofensiva entre outros. Também foram elaboradas questões que abordam os efeitos do JQA no plano estratégico, tático e técnico do jogo e no processo de ensino-aprendizagem. As entrevistas foram divididas

em três blocos que se relacionam, porém foram apresentadas separadamente com a finalidade de esclarecer os objetivos de cada bloco. Os blocos de perguntas que compuseram o instrumento de entrevista estão apresentados no Anexo 2.

As questões elaboradas seguem uma coerência interna as quais auxiliaram na construção de um ambiente adequado para o diálogo. A ordem dos blocos segue a lógica apresentada anteriormente, na qual iniciou-se as entrevistas no primeiro bloco com perguntas que buscavam conhecer cada participante proporcionando um clima mais confortável para o entrevistado; já o segundo bloco foi dotado de perguntas sobre temas amplos envolvendo o processo de ensino-aprendizagem; por fim, o terceiro bloco foi composto por perguntas específicas sobre a utilização do JQA. Na medida em que a técnica de entrevista permitiu, houve cuidado para a elaboração de questões que não enviassem as respostas dos entrevistados, dessa forma o protocolo piloto permitiu o aperfeiçoamento do instrumento de produção dos dados. As perguntas específicas utilizadas por cada artigo foram apresentadas ao longo da seção de métodos de cada capítulo.

Análise das entrevistas

O protocolo adotado para a análise dos dados foi a análise temática reflexiva (ATR - (29, 30, 35), que permite identificar, organizar e sistematizar padrões significantes em um conjunto amplo de dados, produzindo temas pertinentes aos objetivos pré-estabelecidos (30, 36). A ATR permite analisar e descrever temas de forma sucinta, porém com informações pertinentes para a discussão do problema de pesquisa (36). Pesquisas têm utilizado a ATR para tratar dados de entrevistas com foco no esporte (37-39). A escolha pela ATR deu-se pela valorização da subjetividade e sua flexibilidade que permite análises epistemologicamente distintas, indutiva e teórico-dedutiva (30). A quantidade de dados também foi um fator relevante para a escolha da análise temática, levando em consideração a capacidade de agrupar códigos distintos e relevantes para o debate com o referencial teórico (29, 30).

Diversas pesquisas recorreram à ATR ao longo dos últimos anos e, a depender do delineamento adotado por essas, ela pode ser mais ou menos flexível. A ATR tem como base um processo de codificação orgânico e reproduzível que aponta a reflexão e o envolvimento com os dados como elementos pertinentes à análise. Nesta pesquisa foi necessário definir inicialmente: 1. o que seria levado em consideração como padrão para os temas; 2. se a análise era do corpo geral ou de aspectos específicos das entrevistas; 3.

se a análise teria um caráter indutivo ou teórico-dedutivo; 4. se os temas seriam produzidos de forma semântica ou latente; e 5. se a epistemologia adotada seria essencialista ou construcionista (29, 30).

A análise buscou produzir dados específicos à utilização do JQA, dessa forma o foco voltou-se aos aspectos específicos das entrevistas que estavam relacionados aos objetivos e aos problemas apresentados pela dissertação (29, 30). Percebeu-se que a análise requisitou orientações do referencial teórico para propor uma análise teórico dedutiva dos dados, portanto a epistemologia construcionista foi adotada para a ATR (29, 30). A definição dos padrões que levaram aos temas decorreu de códigos recorrentes no discurso de, ao menos, três treinadores (29, 30).

Os códigos não contemplados pela descrição anterior, mas que propuseram diálogo com o referencial teórico, também foram evidenciados com o cuidado de realçar a falta do padrão, reforçando que a produção dos temas aconteceu de forma latente (29, 30, 35), que permitiu ao pesquisador a interpretação das raízes teóricas dos discursos (29, 30). O processo de ATR contou com seis fases que se sucederam, sendo elas: 1. familiarização com os dados; 2. produção de códigos; 3. produção (inicial) de temas; 4. revisão de temas; 5. definição e nomeação dos temas; e 6. produção do relatório (35). Cada entrevista contou com o seu próprio processo de análise, por isso as fases de cada ATR se inter-relacionam, não são sequenciais e não ocorreram simultaneamente.

A etapa de familiarização com os dados (fase 1) contemplou os momentos de ouvir as gravações e ler as transcrições, em que o pesquisador recorreu a uma leitura crítica dos dados para habituar-se aos dados, incorporando e destacando informações que poderiam estabelecer diálogos com o referencial teórico (29, 30). Códigos foram produzidos durante as leituras a partir da identificação e rotulação de um conjunto de dados relevante para os problemas, objetivos da pesquisa e discussão com o referencial teórico. Essa fase foi nomeada de fase de produção de códigos (fase 2) e permitiu um resumo conciso e fiel dos dados (29, 30). A Figura 1 demonstra os passos das fases 1 e 2 delimitados anteriormente.

S10: Tática não é só tudo aquilo que depende da sua ação... da outra equipe ou do seu colega... se tem ... se ele é do outro time... e vou marcar ele individual... eu tenho que ter uma tática para ... fazer essa defesa ficar mais eficaz... quando vou bater bola e atacar... preciso dessa tática para ser mais eficaz... sendo tanto individual ou coletiva.

INDIVIDUAL E COLETIVA
COMBATE
RACIONALIZAÇÃO
QUANDO
EFICÁCIA

S11: A tática é o entendimento do jogo, muito mais de movimentação coletiva da equipe.

ENTENDIMENTO DO JOGO (RACIONALIZAÇÃO?)
MOVIMENTAÇÃO COLETIVA
COLETIVO

S1E: E a parte tática envolve estratégia, tomada de decisão, situações problema para que os atletas encontrem soluções. Então a tática envolve essa parte do jogo mais pensado, mais elaborado e a parte técnica seria parte da execução mesmo, do gesto, do movimento de cada fundamento necessário para a modalidade.

ESTRATÉGIA
TOMADA DE DECISÃO
SITUAÇÃO PROBLEMA
RACIONALIZAÇÃO

S1M: a tática é o sistema de jogo, é os sistemas que a gente trabalha, as trocas de posições, de postos, cruzamentos... é um meio tático para esses alunos.

ESTRATÉGIA
SISTEMAS DE JOGO

Figura 3. Processo de familiarização com os dados e de produção de códigos (fases 1 e 2 da ATR).

Os códigos, seus respectivos conjuntos de dados (trechos dos discursos) e autores foram tabulados e numerados em uma planilha do aplicativo Planilhas Google. Na fase 3 foram produzidos os temas iniciais a partir da identificação e agrupamento de padrões estabelecidos pelos códigos que contêm informações importantes sobre os dados e destaca sua recorrência (29, 30). O processo citado anteriormente foi exemplificado na Figura 2.

	B	C	D	E	F	G
1	Participante	Discurso	Código	Tipo de migração 2	Tipo de migração 1	Categoria
2	T1M	No início as equipes armaram estratégias para isso e depois das equipes como viram que era só um cara que ia fazer essa troca, abriam para ele arremessar ao gol, porque ficava muito longe essa troca dele. os técnicos não usavam ele como um arremessador, usava ele como um armador, um cara que articulava o jogo, mas não pra arremessar, pra justamente quando tiver um arremesso esse cara já vem fazer a troca.	7x6 Como era antes	Como era	Estratégia - modelo de jogo	Aspectos ETT
3	T2F	Funcionou porque as jogadoras fizeram muito bem. [...] Em outras oportunidades não foi tão funcional. [...] Ai depende do perfil de jogadoras que você tem. Eu tenho lançadoras de 9m muito eficientes, então é uma boa você criar ações de 9m. Eu tenho pivôs que conseguem realizar bons bloqueios ofensivos, que é uma ótima estratégia para jogar em superioridade, utilizar pivô não só para receber a bola, mas também para criar os bloqueios para criar mais espaços ainda para as finalizações de 6m. Depende do perfil de jogo da sua equipe. Eu tenho um time mais móvel, eu tenho uma equipe de maior poder de 9m, eu tenho uma equipe com pontas muito eficientes, eu tenho uma equipe com pontas que não são nada eficientes, então a bola não pode sobrar lá... então vai depender muito do perfil de equipe que você tiver para explorar o que você tem de bom para utilizar nessa situação do jogo. [...] Depende do seu adversário também, o que ele vai fazer, né. Então, primeiro é o conhecimento prévio das características do adversário.	SJO como estratégia	Características	Estratégia - características	Aspectos ETT
4	T3F	defensivamente, criava uma situação para que o jogador de colete ficasse um pouquinho na superioridade. Se tivesse que sobrar alguém para arremessar que fosse o cara do colete, porque ele que ia ter que trocar, ou ele que ia ter que voltar para o gol. A partir do momento que a regra nova foi implantada em que qualquer um podia sair, isso mudou um pouco, isso facilitou a vida de quem ataca com 7.	7x6 Como era antes	Como era	Estratégia - modelo de jogo	Aspectos ETT

Figura 4. Produção inicial dos temas (fase 3 da ATR).

Os temas iniciais passaram por um processo de revisão (fase 4) entre os pesquisadores para que se averiguasse a qualidade dos dados e garantisse que os temas abrangiam os dados agrupados (29, 30). Após todo o processo de produção e revisão, definiram-se e nomearam-se os temas (fase 5) para que fossem constituídos com seu

próprio escopo e propósito, constatados a partir dos dados apresentados nos seus subtemas (29, 30). A Figura 3elucida as etapas prescritas nas fases 4 e 5.

	B	C	H	I
1	Participante	Discurso	Subtema	Tema
2	T1M	No início as equipes armaram estratégias para isso e depois das equipes como viram que era só um cara que ia fazer essa troca, abriam para ele arremessar ao gol, porque ficava muito longe essa troca dele, os técnicos não usavam ele como um arremessador, usava ele como um armador, um cara que articulava o jogo, mas não pra arremessar, pra justamente quando tiver um arremesso esse cara já vem fazer a troca.	O SJQ como conteúdo estratégico-tática-técnica no handebol	Tema 1 - A estratégia, a tática e a técnica como elementos relevantes no processo de treino e jogo do SJQ
3	T2F	Funcionou porque as jogadoras fizeram muito bem. [...] Em outras oportunidades não foi tão funcional. [...] Ai depende do perfil de jogadoras que você tem. Eu tenho lançadoras de 9m muito eficientes, então é uma boa você criar ações de 9m. Eu tenho pivôs que conseguem realizar bons bloqueios ofensivos, que é uma ótima estratégia para jogar em superioridade, utilizar pivô não só para receber a bola, mas também para criar os bloqueios para criar mais espaços ainda para as finalizações de 6m. Depende do perfil de jogo da sua equipe. Eu tenho um time mais móvel, eu tenho uma equipe de maior poder de 9m, eu tenho uma equipe com pontas muito eficientes, eu tenho uma equipe com pontas que não são nada eficientes, então a bola não pode sobrar lá... então vai depender muito do perfil de equipe que você tiver para explorar o que você tem de bom para utilizar nessa situação do jogo. [...] Depende do seu adversário também, o que ele vai fazer, né. Então, primeiro é o conhecimento prévio das características do adversário.	O SJQ como conteúdo estratégico-tática-técnica no handebol	Tema 1 - A estratégia, a tática e a técnica como elementos relevantes no processo de treino e jogo do SJQ
4	T3F	defensivamente, criava uma situação para que o jogador de colete ficasse um pouquinho na superioridade. Se tivesse que sobrar alguém para arremessar que fosse o cara do colete, porque ele que ia ter que trocar, ou ele que ia ter que voltar para o gol. A partir do momento que a regra nova foi implantada em que qualquer um podia sair, isso mudou um pouco, isso facilitou a vida de quem ataca com 7.	O SJQ como conteúdo estratégico-tática-técnica no handebol	Tema 1 - A estratégia, a tática e a técnica como elementos relevantes no processo de treino e jogo do SJQ

Figura 5. Processo de produção, revisão e nomeação dos temas (fases 4 e 5 da ATR).

Um relatório foi elaborado (fase 6) com a finalidade de descrever os dados de acordo com a ATR, com a produção de argumentos que permitissem estabelecer parâmetros com os problemas e objetivos da pesquisa (29, 30). A ATR revelou três grandes temas: Tema 1. “Estratégia, tática e técnica: elementos relevantes no processo de treino do JQA e nas situações de jogo”; Tema 2. “Aspectos da fase defensiva e de transição defensiva durante o uso do JQA”; e Tema 3. “Propostas de uso do JQA na fase ofensiva e seus direcionamentos ao propor a superioridade numérica e ao buscar aproximar a relação numérica”. A particularidade de cada tema requisitou debates específicos para cada um, dessa forma cada tema originou um artigo, como pode ser visto na Figura 1.

Figura 6. Mapa temático com os temas e subtemas desenvolvidos em cada artigo.

No artigo 1, referente ao primeiro tema, foram agrupadas as discussões sobre a alteração regulamentar e as escolhas que os treinadores fazem para abordar esse conteúdo no processo de treino treinos. O artigo 2 apresentou os aspectos da utilização do JQA durante as fases defensiva e de transição defensiva. Por fim, o artigo 3 (inerente ao tema 3) revelou que a utilização do JQA na fase ofensiva pode implicar duas situações (a superioridade numérica ofensiva e a aproximação da relação numérica partindo de uma exclusão) e as orientações dos treinadores entrevistados para esses momentos.

ARTIGO 1 - O jogador de quadra adicional no processo de treino e jogo

Artigo 1

Jogador de quadra adicional no handebol: possibilidades de variações táticas e suas implicações no processo de treino

Resumo:

O handebol contou com alterações regulamentares em 2016, dentre elas houve modificações que promoveram implicações na utilização do jogador de quadra adicional (JQA). A utilização do JQA sofreu implicações de ordem organizacional, estratégica, tática e técnica. O objetivo deste estudo foi analisar a partir dos discursos de treinadores brasileiros as implicações que a utilização do JQA oferece ao jogo e ao treino do handebol depois das alterações de 2016. O critério de inclusão dos participantes selecionou sete treinadores brasileiros que classificaram suas equipes entre as quatro melhores das ligas nacionais masculina e feminina entre os anos de 2016 e 2018 e/ou que participaram de comissões técnicas das seleções brasileiras no mesmo período. Dessa forma, os treinadores foram entrevistados por meio da técnica de entrevista semiestruturada. Os dados foram tematicamente analisados. Percebeu-se que a alteração regulamentar de 2016 suscitou novas possibilidades organizacionais no jogo de handebol, pois identificou-se que os treinadores recorreram a adaptações estratégicas, táticas e técnicas para o jogo com e contra JQA depois das alterações regulamentares de 2016, como alguns comportamentos ofensivos e defensivos específicos. As abordagens contempladas pelo Game Based Approach mostraram-se pertinentes para o ensino dos conteúdos do jogo com JQA, pois oferecem situações problema similares às encontradas no jogo formal. Os resultados encontrados podem ser utilizados para refletir alterações regulamentares em esportes coletivos de invasão.

Palavras-chave: Handebol; Jogador de quadra adicional; Ensino; Estratégia; Tática.

INTRODUÇÃO

O handebol é um jogo coletivo esportivizado (JCE) orientado por uma lógica interna com base nas referências estruturais (companheiros, adversários, bola, alvo, espaço e regras) e funcionais (os princípios operacionais e as regras de ação). As regras específicas de cada esporte são capazes de relacionar as estruturas do jogo com as funcionalidades do sistema (8). Os esportes coletivos de invasão são caracterizados como sistemas complexos e imprevisíveis, dessa forma as equipes que jogam handebol se organizam de acordo com as fases de jogo que se encontram (ataque, transição defensiva, defesa e transição defensiva) (6). As fases de jogo são determinadas de acordo com a posse ou não da bola, assim deve-se buscar marcar pontos quando se está com a bola e evitá-los quando não tem a posse da bola (3).

O handebol contou com alterações recentes em seu regulamento (11) que possibilitaram novas perspectivas na dinâmica do uso do Jogador de Quadra Adicional (JQA) (11, 13). A estratégia, que é utilizada desde a década de 1980, permite a

utilização de um jogador extra durante a fase ofensiva, enquanto opta por deixar o gol vazio. Por vezes, a estratégia mostrou-se como alternativa para os momentos finais de jogo que precisava-se buscar um resultado, dessa forma optava-se por retirar o goleiro e colocar um jogador especialista de quadra em seu lugar, ocasionando em uma superioridade numérica ofensiva (6+JQA vs. 6). Observou-se também a utilização do JQA durante momentos de exclusão (períodos de dois minutos em que as equipes jogam com jogadores a menos devido a uma exclusão ou uma desqualificação), pois permite que os ataques aproximem a relação numérica (5+JQA vs. 6, 4+JQA vs. 6...) durante a fase ofensiva. As duas possibilidades de utilização da estratégia destacadas anteriormente (para proporcionar superioridade numérica e para aproximar a relação numérica) tem sido amplamente investigado no campo científico, principalmente depois das alterações regulamentares de 2016.

As alterações regulamentares para a utilização do JQA produziram novos questionamentos teórico-práticos para a prática dos treinadores. A pesquisa qualitativa tem sido adotada em diversos estudos (16, 17, 19, 20, 22), contribuindo para identificar aspectos inerentes ao contexto do JQA, com destaque para a análise das opiniões dos treinadores (13, 21). Muitos estudos que investigaram o processo de formação dos treinadores para o esporte de elite apontam a necessidade da incorporação de novos conhecimentos que dialoguem com os problemas práticos encontrados pelos treinadores (40-42), assim como com conteúdos ligados aos aspectos estratégicos, táticos e técnicos (3, 43-45). A utilização do JQA apresenta-se como um problema recente que influencia na atuação prática dos treinadores, porém não foram encontrados estudos que investiguem as implicações dessa estratégia para o contexto do treinamento do handebol, os resultados disponíveis remetem-se apenas às situações de jogo.

Em recente revisão das produções científicas sobre treinadores de handebol, sugeriu-se que fossem ampliadas as investigações em contextos emergentes fora da Europa (24). Compreender o contexto brasileiro adulto de handebol mostrou-se relevante para toda a comunidade do handebol, vez que o país vem se destacando no cenário internacional com muitos jogadores e jogadoras atuando em grandes centros esportivos. Nessa direção, tornou-se necessário: 1. Identificar como as alterações regulamentares de 2016 interferiram nas possibilidades de jogo com JQA; e 2. Compreender como comportamentos específicos da utilização do JQA estão sendo abordados nos treinamentos. Para isso, o objetivo deste estudo foi analisar, a partir da

opinião de treinadores brasileiros, as possibilidades de treino e jogo com JQA a partir das modificações nas regras do jogo de 2016.

Para contemplar as lacunas do contexto descrito anteriormente, este estudo está estruturado nas seguintes seções: 1. Referencial teórico: na qual descreveu-se as alterações regulamentares de 2016 com foco no JQA, a estrutura organizativa dos JCE e o modelo de ensino do Game Based Approaches; 2. Métodos: descrições sobre a produção e discussão dos dados qualitativos; 3. Resultados e Discussão: discutiram-se o tema (Elementos relevantes para o processo de treino e jogo do JQA) a partir de seus dois subtemas (“O JQA como possibilidade no jogo de handebol” e “O processo de treino do JQA”), o primeiro que compreendeu as possibilidades de utilização do JQA no jogo de handebol e o segundo que debateu aspectos pertinentes para o processo de treino do JQA; 4. Aplicações Práticas: na qual são sugeridas aplicações práticas a partir dos resultados abordados anteriormente; e 5. Conclusões: na qual são reunidas as principais descobertas e contribuições do estudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Alteração regulamentar e as novas possibilidades-organizacionais do jogo

Os JCE possuem estrutura comum composta por cinco invariantes (o objeto de disputa, o espaço de jogo, o alvo, os companheiros e os adversários) e podem ser diferenciados de acordo com o modo de organização de suas estruturas (46). A forma de organização do jogo possibilita comportamentos específicos que são percebidos nos diferentes JCE (e.g. as diferentes possibilidades de passes de acordo com o tipo de bola que utiliza-se, oval ou redonda) (6). A regra específica de cada esporte pode contribuir com a formação da sua identidade, dessa forma as regras são responsáveis por conectar as estruturas e suas possibilidades de organização dentro do sistema complexo e dinâmico do jogo (8).

Alterações nas estruturas do jogo ou nos elementos que dispõem as estruturas no sistema podem suscitar novas possibilidades organizacionais nos JCE. As ações organizativas do jogo dependem da interação entre seus elementos respeitando suas regras específicas, portanto o processo organizativo distancia-se do entendimento de um processo automático e livre da intervenção dos jogadores (47). A emergência de novas possibilidades de organização do sistema de um jogo pode ser suscitada através de flutuações na relação entre o sistema e sua estrutura ou a partir do interior desse sistema

(8, 9). As regras específicas de cada esporte são capazes de relacionar as estruturas do jogo com as funcionalidades do seu sistema. As alterações nas regras do jogo representam modificações estruturais no jogo que podem interferir nos comportamentos em jogo, assim como identificado em outros esportes, como o futsal, o voleibol e o goalball (8).

As alterações nas regras que delimitam a utilização do AFP podem ter apresentado novas possibilidades de organização ao jogo de handebol sem perder sua identidade. Antes da alteração da regra em 2016, um jogador de quadra poderia substituir o goleiro, sendo também substituído por ele. Para isso, era necessário que ambos utilizassem um uniforme de cores predominantes semelhantes. A nova regra estipula que não é necessário contar com um jogador uniformizado como goleiro durante todo o tempo de jogo. Quem o substituiu pode vestir o mesmo uniforme dos seus companheiros de linha, e qualquer atacante pode reverter a substituição (11).

Para melhor compreensão das mudanças nas regras que legislam a utilização do AFP, elaborou-se um quadro (Quadro 1) com os artigos do regulamento antigo (15) e novo (18) que discorrem sobre o uso do AFP e as diretrizes para a mudança da regra (11).

Regras do jogo (traduzido de IHF, 2010)	Regras do jogo (traduzido de IHF, 2016b)
<p>Regra 4 – A equipe, as substituições, o equipamento e os jogadores lesionados. A equipe 4:1. Não mais do que 7 jogadores podem estar presentes na quadra ao mesmo tempo. Os jogadores restantes são substitutos. <u>Em todos os momentos durante o jogo, o time deve ter um dos jogadores na quadra identificado como goleiro.</u> Um jogador identificado como goleiro pode se tornar um jogador de quadra a qualquer momento (observe, no entanto, Regra 8:5 Comentário, segundo parágrafo). Da mesma forma, um jogador de quadra pode se tornar um goleiro a qualquer momento (ver, no entanto, 4:4 - 4:7).</p>	<p>Regra 4 – A equipe, as substituições, o equipamento e os jogadores lesionados. A equipe 4:1. Não mais do que 7 jogadores podem estar presentes na quadra ao mesmo tempo. Os jogadores restantes são substitutos. <u>Um jogador identificado como goleiro pode se tornar um jogador de quadra a qualquer momento</u> (observe, no entanto, Regra 8:5 Comentário, segundo parágrafo). Da mesma forma, um jogador de quadra pode se tornar um goleiro a qualquer momento, desde que ele seja identificado como goleiro (ver, no entanto, 4:4 e 4:7). Se uma equipe estiver jogando sem um goleiro, um número máximo de 7 jogadores de quadra poderá jogar na quadra ao mesmo tempo (ver Regras 4:7, 6:1, 6:2c, 6:3, 8:7f 14: 1a). Regras 4:4 - 4:7 devem ser aplicadas às</p>

	substituições de um goleiro para um jogador de quadra.
Mudanças nas regras do jogo (traduzido de IHF, 2016a)	
<p>Regra 4:1 parágrafo 3, Regras 4:4-5-6-7</p> <p>Por favor, note que a Regra 4 permanece totalmente válida, tendo em vista as estipulações para um goleiro ser substituído por um jogador de quadra. No entanto, a seguinte extensão de regra será implementada:</p> <p>1) Uma equipe pode estar na quadra com sete jogadores de quadra ao mesmo tempo. Este é o caso em que um jogador de quadra substitui o goleiro. Não é obrigatório (mas é permitido) o jogador de quadra estar vestido com a mesma cor da camisa do goleiro.</p> <p>2) Se o time estiver jogando com sete jogadores de quadra, nenhum jogador poderá executar a função do goleiro, ou seja, nenhum jogador pode entrar na área do gol para assumir a posição do goleiro. Quando a bola está em jogo e um dos sete jogadores de campo entra na área de gol, destruindo uma chance clara de marcar, o time adversário recebe um arremesso de 7 metros. Regra 8:7f se aplica.</p> <p>3) Em caso de substituição, Regras 4:4-7 (regras normais para substituição de jogadores) serão aplicadas. Neste caso, o goleiro recupera todos os seus direitos de acordo com as regras 5 e 6.</p> <p>4) Se um time está jogando com sete jogadores de quadra e deve executar um tiro de meta, um deles deve deixar o campo e um goleiro deve voltar para a área de gol para executar o tiro. Os árbitros decidirão se um time-out é necessário.</p>	

Quadro 1. Quadro com os dados coletados dos arquivos da IHF (IHF, 2010; 2016a; 2016b).

A alteração regulamentar implicou em um aumento significativo na utilização da estratégia, tanto nas situações para aproximar a relação numérica no ataque quanto nas situações que ofertam uma superioridade numérica ofensiva (19). Para treinadores brasileiros de elite, o uso do JQA demanda atenção a aspectos técnicos, táticos e estratégicos, pois permite reflexões sobre a necessidade de reduzir erros técnicos, identificar as alternativas no contexto de jogo, e entender os momentos adequados para utilizar.

Diversos estudos investigaram as implicações da utilização do JQA antes da alteração regulamentar e sugeriram que após os momentos de exclusão pode ser eficaz na busca pela aproximação da relação numérica (14, 16, 17). Três estudos analisaram os campeonatos de handebol após as alterações regulamentares (11), sendo eles: Jogos Olímpicos 2016 (20), Campeonato Mundial adulto feminino de 2017 (22) e Campeonato Mundial adulto masculino de 2017 (19). Nos Jogos Olímpicos de 2016 não foram encontradas diferenças significativas na obtenção de gols durante as ações que utilizaram o JQA para aproximar a relação numérica depois de uma exclusão (transformar o 5 vs. 6 em 6 vs. 6) e para propor uma superioridade numérica (e. g. 7 vs.

6) (20). No entanto, nos dois campeonatos mundiais de 2017, o uso do JQA mostrou-se mais eficaz nas situações pós-suspensão de dois minutos do que quando não há a alteração do goleiro pelo JQA (19, 22).

Embora o foco esteja na influência dessa estratégia sobre o resultado do jogo e o desempenho das equipes, uma pesquisa sobre a utilização do JQA nas categorias sub12 e sub14 destaca implicações para o uso obrigatório de defesas individuais e abertas que ocorre nessas categorias no âmbito estudado, porque o jogo em superioridade numérica dificulta a relação direta de oposição o que dificulta a manutenção da defesa individual (21).

Game Based Approach

As diferentes abordagens de ensino dos JCE, como o handebol, são sustentadas por teorias de aprendizagem diversas. A abordagem de ensino tradicional tem suporte na teoria comportamentalista e concebe a aprendizagem a partir da relação estímulo-resposta. O treinador possui papel central no processo de ensino, dessa forma o treinador possui o conhecimento e transfere aos alunos a partir de atividades prescritivas e repetitivas de elementos técnicos dissociados de seu contexto formal. É comum que no final das sessões baseadas no ensino tecnicista promova-se um jogo similar à forma básica de jogo para que os jogadores desempenhem os elementos aprimorados ao longo das atividades anteriores. O ensino fragmentado desvincula componentes táticos e técnicos que apresentam-se associados nas situações competitivas (48, 49).

O Game Based Approach (GBA) compreende as diversas possibilidades de ensino dos esportes coletivos centrados no jogador a partir de jogos e de suas possíveis adaptações que proporcionem a aprendizagem tática e estratégica (50, 51), como o TGfU e o Game Sense. A denominação GBA trata das possibilidades de jogos que preconizam a construção de um conhecimento a partir da experiência do jogador em situações competitivas e modificadas. Em uma perspectiva inovadora à época e contraditória ao ensino centrado no professor, o Teaching Games for Understanding (TGfU), desenvolvido na Grã-Bretanha, propôs promover o ensino por meio de jogos que enfatizam a aprendizagem tática e técnica a partir de problemas extraídos do ambiente de jogo (49, 52).

No Brasil, os treinadores de handebol recorrem comumente a três abordagens de ensino (a abordagem com princípios do ensino tecnicista, uma abordagem semelhante à forma básica de jogo e outra correspondente à forma parcial de jogo) (31, 53-55).

Pesquisas recentes com treinadores brasileiros da categoria adulta mostram que os treinadores empregam principalmente as formas parciais de jogo (e.g. 1x1, 2x2, 3x3...) em detrimento das outras duas opções apresentadas. Os princípios do GBA fundamentam a utilização das abordagens que partem das formas básicas e parciais de jogo e das tarefas específicas de jogo (55). Estas abordagens priorizam contextos de aprendizagem que proporcionam diversas situações inerentes ao jogo. O ensino dos esportes coletivos, na perspectiva dos GBA, deve partir do próprio contexto do jogo, dos princípios de ação e das regras de ação específicas (3).

O GBA oferece um ambiente complexo e dinâmico aos jogadores, contribuindo com o desenvolvimento de suas capacidades táticas e de tomada de decisão (50, 51), ao passo que o caráter imprevisível do jogo emerge das relações de cooperação e oposição (6). Entretanto, recente revisão indicou que o processo de ensino que prioriza as formas básicas e parciais de jogo pode ser pouco eficaz para o desenvolvimento de capacidades técnicas padrões específicos de movimento importantes para solucionar os problemas ofertados pelas situações de jogo (50), assim mostra-se necessária a utilização de tarefas específicas de jogo como exercícios menos complexos com o intuito de desenvolver elementos técnicos que auxiliam os jogadores na solução das situações analisadas (49). Dessa forma, a aprendizagem técnica apresenta-se vinculada aos problemas estratégico-táticos, pois surge de problemas identificados nas formas básicas e parciais de jogo distanciando do paradigma tradicional que privilegia o ensino dos esportes coletivos a partir dos elementos técnicos (49).

Neste contexto, estratégia, tática e técnica são aspectos centrais no marco teórico das abordagens de ensino. A estratégia compreende os momentos de antever e planejar as ações coletivas e individuais a curto, médio e longo prazo, enquanto a tática está relacionada às capacidades individuais e coletivas de adaptação e intencionalidade dos jogadores durante o jogo (45), bem como suas ações e combinações. Por outro lado, a técnica foi alvo de inúmeras discussões no campo da Pedagogia do Esporte por ter sido compreendida como um fator isolado e determinante para o desempenho (56), contudo entende-se que seu conceito é mais abrangente e sua correspondência com a tática e a estratégia é determinante para o processo de treino e jogo (57). Assim, técnica compreende a execução do gesto esportivo de modo eficaz, eficiente e adaptável (56, 57). Estratégia, tática e técnica alinham-se aos fatores físicos, psicológicos e sociais como imprescindíveis para o desempenho nos esportes coletivos (45). O ensino dos conteúdos com base nos jogos (GBA) reforça a importância da aprendizagem da tática

(51) e do conhecimento sobre o próprio jogo. O TGfU, por exemplo, prevê o ensino da técnica, porém o seu aprendizado decorre das necessidades que emergem das situações-problema de ordem estratégico-táticas (49, 52). A clareza dos conceitos propõe capacidade de articulação durante o processo de treino com mais qualidade, tendo em vista que estes situam-se como pilares conceituais das diferentes abordagens de ensino (44).

MÉTODOS

A pesquisa aqui retratada fez parte de um projeto maior de pesquisa qualitativa acerca do jogador de quadra adicional com título de “O jogador de quadra adicional no handebol: perspectivas de treinadores brasileiros sobre a estratégia”. O projeto guarda-chuva foi desenvolvido para identificar como treinadores brasileiros compreendem a utilização da estratégia do JQA, partindo das alterações regulamentares de 2016 e atravessando o processo de treino e jogo de handebol (nas suas diferentes fases).

Participantes e aspectos éticos

Sete treinadores brasileiros de elite foram selecionados a partir dos seguintes critérios: 1. treinadores de equipes femininas e masculinas que classificaram-se entre as quatro melhores da liga nacional adulta entre os anos de 2016 e 2018; e/ou 2. treinadores das comissões técnicas das seleções nacionais adultas masculinas e femininas entre 2016 e 2018. O período entre 2016 e 2018 foi escolhido pela proximidade com a data de alteração no regulamento proposta pela IHF (11). Foram contactados todos os treinadores que se encaixavam nos critérios adotados, tendo o grupo de participantes contado com 70% deste total. Todos os cuidados éticos foram tomados, sendo este estudo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Institucional (CAAE: 39796814.8.0000.5659). Todos os participantes foram nomeados com siglas que apontam o gênero das equipes com que trabalham, e com um símbolo numérico de forma aleatória para preservar suas identidades. Na Tabela 2 estão apresentadas algumas das características dos treinadores entrevistados.

Treinador:	Idade na data da entrevista:	Tempo de graduação em Educação Física:	Pós-graduação (MS – Mestrado e FC – Formação continuada*):	Tempo de experiência profissional (em anos):	Atuou em equipes de outras categorias de idade no handebol:
T1M	34	15	FC	14	Sim
T2F	37	17	FC	16	Sim
T3F	50	29	FC	33	Sim
T4F	53	32	FC	32	Sim
T5M	55	35	MS e FC	35	Sim
T6M	40	15	FC	12	Não
T7M	57	38	FC	40	Sim
Percentil, Média e Desvio padrão:	46,6 ± 9,4	25,9 ± 9,9	85,7% - Sim 14,3% - Não	26 ± 11,6	85,7% - Sim 14,3% - Não

Quadro 2. Quadro com as características dos treinadores entrevistados. *Formação continuada inclui treinadores que finalizaram cursos de pós-graduação lato sensu e/ou cursos organizados por federações, confederação e ligas.

Produção dos dados

Optou-se pela abordagem qualitativa por entender a necessidade de compreender a utilização do JQA dentro do contexto dos treinadores. A produção dos dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas (27, 28). A escolha justificou-se pela autonomia proporcionada ao pesquisador para intervir durante a entrevista com questionamentos que objetivem investigar temas relevantes que não foram abordados ou que foram citados de forma superficial (27, 28). As entrevistas foram agendadas de acordo com data e horário estipulados pelos participantes e ocorreram por meio de chamadas de vídeo por meio de aplicativos que possibilitam a interação pesquisador-treinador, como o Skype, Google Meet e Zoom (58). As entrevistas foram gravadas na íntegra para posterior transcrição e análise. O instrumento de entrevista foi composto por questões abertas, divididas em 3 blocos principais: 1. Formação do treinador; 2. Alterações regulamentares e implicações para o uso do JQA; 3. Processo de treino do JQA. As perguntas direcionadoras foram elaboradas e refinadas pelos três autores, enquanto as entrevistas foram realizadas pelo primeiro autor – com experiência prévia de quatro anos com a técnica de coleta de dados.

Análise temática reflexiva

Para a análise das entrevistas foi utilizada a análise temática reflexiva (ATR) (29, 30, 35), que permite identificar, organizar e sistematizar padrões significantes em um conjunto amplo de dados produzindo temas pertinentes aos objetivos pré-estabelecidos (29, 30). A escolha pela ATR justifica-se pela sua adequabilidade para tratar dados qualitativos provenientes de entrevistas com foco no esporte (39) proporcionando flexibilidade e acessibilidade ao pesquisador (29, 30, 35). As análises enfatizaram aspectos específicos dos dados por uma abordagem preferencialmente teórico-dedutiva, latente e construcionista que tem como base o referencial teórico apresentado.

A pesquisa guarda-chuva identificou 3 temas abrangentes a partir dos objetivos pré-estabelecidos: “Possibilidades no jogo e no processo de treino”; “A fase defensiva e de retorno defensivo”; e “A fase ofensiva” (ver Figura 1). Em momento posterior, o processo de análise limitou-se aos dados importantes na resolução dos problemas abordados por este artigo com o tema “Elementos relevantes para o processo de treino e jogo do jogador de Quadra Adicional”.

Figura 7. Mapa temático com tema e subtemas da ATR, com destaque para o tema e os subtemas do artigo 1.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo deste estudo foi identificar e discutir as possibilidades de treino e de jogo do JQA a partir das alterações regulamentares de 2016 com base no discurso dos

treinadores que participaram das comissões técnicas da seleção brasileira e/ou treinadores mais bem ranqueados na liga nacional de handebol no período entre 2016 e 2018. Um tema (“Estratégia, tática e técnica: elementos relevantes no processo de treino do JQA e nas situações de jogo”) e dois subtemas (“O JQA como possibilidade no jogo de handebol” e “O processo de treino do JQA”) foram construídos com o processo de ATR das entrevistas com os treinadores. O primeiro subtema discutiu as alternativas estratégicas, táticas e técnicas que as alterações regulamentares de 2016 ofereceram ao jogo de handebol com JQA, enquanto o segundo subtema trouxe o debate sobre o processo de treino do JQA, especificando possibilidades de intervenção importantes para o desenvolvimento do tema.

Subtema 1. O JQA como possibilidade no jogo de handebol.

Essa seção analisou padrões referentes às alterações organizativas de âmbito estratégico-tático-técnico que as modificações na regra 4 em 2016 ofereceram ao jogo de handebol com AFP. Os discursos mostraram-se pertinentes para discutir as alterações comportamentais suscitadas e as possibilidades de utilização da estratégia.

Segundo todos os treinadores, a alteração do regulamento em 2016 (11) facilitou o uso do AFP e influenciou novos padrões de organização do jogo. Os discursos dos treinadores T3F e T7M ilustram a opinião geral dos participantes:

“[Antes] se tivesse que sobrar alguém para arremessar era para ser o AFP, porque ele que ia ter que trocar. A partir do momento que a regra nova foi implantada qualquer um podia sair, isso mudou um pouco e facilitou atacar com AFP” (T3F).

“A facilidade da utilização do AFP pasteuriza o jogo, todos tem que jogar 6:0 e 5:1, dificilmente você vai jogar 3:3 ou 5:1 pressionando alto. Você pode jogar 5:1 mais baixo. Dificilmente você vai mudar isso” (T7M).

Os treinadores destacaram que antes da alteração da regra as defesas provocavam o ataque a finalizar com o jogador caracterizado como goleiro, ocasionando um retardo no seu retorno e facilitando um novo arremesso ao gol momentaneamente desprotegido. Como visto anteriormente, as modificações na regra 4 impossibilitam a identificação de um jogador específico como AFP, desse modo qualquer atacante pode refazer a substituição com o goleiro (11, 18). A alteração

regulamentar implicou novos comportamentos ofensivos e defensivos, ao passo que todos os atacantes podem finalizar sem preocupar-se em atrasar o retorno e, a partir disso, os defensores assumem novos padrões de organização defensiva.

Uma das possíveis consequências da utilização do AFP para propor uma superioridade numérica é a dificuldade da equipe adversária implementar defesas abertas (sistemas defensivos dispostos em duas ou mais linhas), como visto no discurso do T7M, pois a assimetria numérica favorece que um jogador esteja momentaneamente desmarcado e com um sistema profundo há maior dificuldade de cobertura defensiva devido ao maior espaçamento dos jogadores (13). Esta dificuldade é relatada em outra pesquisa, ao destacar que o uso do AFP nas categorias sub12 e sub14 não é adequado por facilitar que o ataque alcance seus objetivos implicando em uma defasagem da aprendizagem defensiva (21). Portanto, o jogo de handebol com AFP proporciona um ambiente que requer um processo de treino que contemple as adaptações estratégico-táticas necessárias para um bom desempenho durante sua utilização, ou seja, em situações de assimetria numérica.

Percebe-se que as alterações regulamentares de 2016 sugeriram formas específicas de organização ofensiva e defensiva diante da utilização do AFP, como visto no discurso do T3F e T7M. A interação entre os jogadores é influenciada pela regra do jogo, que se constitui como um dos aspectos ligados à sua lógica interna (3). As mudanças de 2016 (11) implicaram nos modos dos treinadores brasileiros sistematizarem suas equipes na defesa, no ataque e na transição defensiva (13), logo os resultados apresentaram a alteração no regulamento como um constrangimento na tarefa do jogo que interfere em como o jogo é organizado.

Três treinadores (T2F, T4F e T7M) destacaram possíveis implicações nas demandas físicas dos goleiros a partir das alterações regulamentares de 2016:

“Mudou bastante a vida do goleiro, antes ele só tinha que defender. Hoje ele tem que defender depois de correr” (T2F).

“Se você não preparar o goleiro, no terceiro pique de 20 metros ele está morto e perde a parte cognitiva de leitura do arremesso. Às vezes você extenua seu goleiro e ele começa a tomar gols fáceis porque está cansado” (T4F).

“Se a gente pensar no posto do goleiro, o goleiro era um jogador que trabalhava basicamente dentro do seu espaço, hoje ele dá tiros nos jogos” (T7M).

Não foram encontrados dados específicos que analisam as demandas físicas dos goleiros depois de 2016, dessa forma não há como discutir possíveis alterações nesse âmbito. Entretanto, as mudanças estratégicas, táticas e físicas destacadas pelos treinadores evidenciam como a compreensão sistêmica da relação ambiente-tarefa-jogador no handebol favorece a reflexão sobre as novas possibilidades de organização do jogo depois das alterações regulamentares (8, 9). Desse modo o processo de treino deve preocupar-se em ofertar um ambiente propício para que os jogadores atendam aos objetivos de cada uma de suas fases (8).

As modificações nos comportamentos do jogo causados pela alteração regulamentar de 2016 (11) suscitam novas investigações para ampliar a discussão e proporcionar novos conhecimentos à área, que podem partir das reflexões destacadas pelos próprios treinadores:

“[O uso do AFP] depende do perfil de jogadoras que você tem, do perfil de jogo da sua equipe, das características do adversário” (T2F).

“Essas estratégias podem ser adaptadas de acordo com o modelo para que você possa treinar: eu quero que eles [dois centrais] se mantenham ou eu quero um desdobramento e a partir daí eu jogo com dois pivôs? Eu quero dois pivôs fixos ou móveis? Eu tenho a possibilidade de atacar com o sétimo saindo do banco...” (T7M).

“[Depende] do momento, do quanto o seu time pode render, quais situações podem produzir, os momentos do jogo, placar do jogo...” (T3F).

Para utilizar o AFP os treinadores ponderaram a estratégia estabelecida e elegeram direcionamentos para cada fase do jogo perpassando as etapas de antever e planejar. A tática é destacada na necessidade de adaptar a utilização do AFP ao momento do jogo, aos constrangimentos impostos pelos adversários e às suas características. Os treinadores T2F, T3F e T7M destacaram características importantes do jogo com AFP para a construção do modelo de jogo de equipes que pretendem utilizar a estratégia, como as características dos jogadores e dos adversários, as possibilidades de sistematização ofensiva e alguns comportamentos específicos. O modelo de jogo deve potencializar as características dos jogadores permitindo seu desenvolvimento, ao mesmo tempo que também elaboram-se estratégias pertinentes para alcançar níveis de desempenho que possibilitem alcançar resultados positivos nos confrontos e nas competições ao longo da temporada (59). Dessa forma entendeu-se que

as alternativas de sistematização de jogo com AFP, jogo com um ou dois pivôs, devem ser previstas pelos modelos de jogo, do mesmo jeito que as circunstâncias que podem desencadear comportamentos específicos, como uma flutuação⁵ ou uma dissuasão⁶ (60).

Subtema 2. O processo de treino do AFP

O subtema 2 apresentou discursos dos treinadores acerca de aspectos pertinentes ao processo de treino de comportamentos específicos da utilização do AFP. Os resultados expostos permitiram compreender possibilidades de como tratar o AFP no processo de treino e avançar na discussão sobre o handebol e a pedagogia do esporte.

Os treinadores destacaram que o AFP deve ser tratado como um dos conteúdos programáticos a serem desenvolvidos ao longo da temporada, como visto no trecho da entrevista do T7M:

“O AFP não pode ser abordado de forma pontual, tem que ser tema de bloco de treinamento. Tem que treinar ao longo do ano e dentro do planejamento tem que incluir as situações de superioridade numérica (7x6, 6x5, 6x4). Defensivamente tem que trabalhar 4x6, 5x6, 6x7” (T7M).

Os treinadores destacaram que é necessário um processo de treino que envolva aspectos defensivos e ofensivos relacionados à utilização do AFP, dessa forma os comportamentos específicos não podem ser tratados de forma pontual. Modelos de ensino com base nos jogos, como o GBA, permitem o ensino de comportamentos ofensivos e defensivos de forma simultânea por meio de oposição constante que o jogo oferece (50, 52). Dessa forma, deve-se sistematizar objetivos ofensivos e defensivos pertinentes à utilização do AFP que podem ser contrapostos durante exercícios específicos. Os resultados situam a estratégia do AFP e os comportamentos específicos desencadeados pela sua utilização como conteúdos pertinentes do processo de treino do handebol da categoria adulta.

⁵ Flutuação é uma ação do defensor que se aproxima do seu oponente de primeira linha ofensiva com bola com o objetivo de limitar as ações do atacante diante de uma situação de pressão defensiva 60. Menezes RP. Modelo de análise técnico-tática do jogo de handebol: necessidades, perspectivas e implicações de um modelo de interpretação das situações de jogo em tempo real. Campinas-SP, Brazil.: Universidade Estadual de Campinas; 2011..

⁶ Dissuasão é semelhante à flutuação, porém o defensor avança até seu oponente direto sem bola. Dessa forma, o defensor objetiva atrasar a ação ofensiva por meio de uma pressão defensiva em uma possível linha de passe 60. Ibid..

Percebe-se que os treinadores T4F e T7M apontam a importância do desenvolvimento de um processo de treino com base nos elementos técnicos e de tomada de decisão associados ao contexto tático:

“Você tem que ter um nível de passe, de fundamento, muito bom, porque se você perde a bola toma o gol” (T4F).

“Os jogadores têm que ter capacidade de lançamento com precisão à longa distância sem goleiro, seja por cima de bloqueio, por baixo, quicado. Tem que trabalhar isso [...], ficar arremessando a bola no gol vazio; um goleiro dentro do gol que só defende e um fora que fica lançando a bola no outro gol todas as vezes que tem uma finalização, depois o passe para o tiro de saída enquanto o outro goleiro entra” (T7M).

O trecho mencionado anteriormente revela que não há preocupação com a repetição de gestos esportivos especializados (eficiência), mas com a precisão do arremesso em situações que podem ocorrer durante a partida. A capacidade de adaptação da técnica ao contexto (eficácia) é um fator decisivo nas situações de pressão temporal e espacial dos esportes coletivos (56, 57). Há um vasto referencial teórico que sustenta o ensino dos elementos técnicos de forma contextualizada aos demais elementos dos esportes coletivos (49-51), entretanto estudos com as etapas iniciais do processo de formação no handebol do Estado de São Paulo revelaram a utilização de abordagens tradicionais pelos treinadores (31, 61). Os atletas adultos encontram-se nos anos de manutenção do desempenho esportivo, dessa forma o trabalho da técnica e da tática por meio de um ambiente desafiador e que promova a especialização esportiva mostram-se indispensáveis (62, 63).

Os treinadores destacaram a necessidade de treinar o uso do AFP por meio de situações que remetem ao jogo de handebol, a partir das formas básicas e parciais de jogo (64), além disso, os treinadores também apontaram que é necessário retratar diferentes fases do jogo durante essas atividades:

“Você tem que trabalhar desde o pequeno, do 2x1 até o 7x6” (T4F).

“Eu acabo fazendo uns cinco minutinhos de ataque e defesa [posicionado], mas rapidamente já muda o exercício e coloca transição” (T3F).

“Tem que treinar transição, porque quando você ataca 7x6 e você perde a bola tem que ter um retorno rápido” (T5M).

O ensino com base nos jogos oferece um ambiente dinâmico, complexo e imprevisível e mostra-se propício para o desenvolvimento estratégico, tático e técnico, dessa forma há necessidade do treino apresentar uma construção que inicie nas situações com o envolvimento de menos jogadores (e.g. 2x1, 3x2...) (64, 65). A utilização desse tipo de abordagem contempla os requisitos apresentados anteriormente e corrobora o referencial teórico dos GBA (50, 51) para o desenvolvimento de conhecimentos estratégico-tático-técnicos fundamentais, que especialmente atendam ao emprego da técnica em contexto autêntico de jogo, bem como o desenvolvimento da capacidade de tomada de decisão. Para além, os treinadores endossaram a necessidade de superar dificuldades encontradas ao longo do desenvolvimento dessa abordagem, como a dificuldade de conexão entre as fases do jogo.

Pesquisas que investigaram as sessões de treino de seleções nacionais sub18 e sub20 femininas (66) e de equipes do Estado de São Paulo sub21 e adultas masculinas (67) identificaram a tendência pela opção de abordagens semelhantes às formas parciais de jogo. Essas atividades propõem situações problema que partem das formas parciais de jogo (e.g. 1x1, 2x2, 3x2...) e mostram-se como uma alternativa dentro do GBA. Os constrangimentos (modificação nas regras, limitação do espaço e/ou modulação no número e na ação dos participantes) propostos às tarefas de acordo com os objetivos do treino possibilitam o aprendizado de diferentes comportamentos durante o jogo (64, 65). Dessa forma, percebe-se que os resultados evidenciados nos discursos dos treinadores T4F e T5M corroboram as preferências por essa abordagem de ensino na categoria adulta.

Entretanto, dois treinadores (T7M e T2F) reforçaram que nessa categoria as sessões de treino do AFP devem apresentar situações próximas do contexto formal, nas quais as atividades principais do treino contemplem todas as estruturas desse. Assim, as atividades que partem das formas parciais de jogo devem aparecer apenas nos momentos de transição entre os exercícios ou no aquecimento:

“Com jogadores adultos, esses jogos são sempre importantes, mas sempre no início do treino com um aquecimento que já converse com o treino” (T7M).

“Não dá para eu treinar o 7x6 partindo de um 2x1. 2x1 você tem que treinar porque tem que desenvolver o atleta. Agora, no 7x6 não tem muito a ver, porque o 7x6 são 13 jogadores num espaço de quadra que não é tão grande. É muito diferente do 6x5, são

dois jogadores a menos. Dois jogadores a menos no mesmo espaço faz muita diferença” (T2F).

A pouca relevância que esses treinadores (T7M e T2F) atribuem às formas parciais de jogo reflete os requisitos de especialização do esporte adulto, e, ao trabalhar o jogo semelhante ao contexto formal, há maior ênfase nos comportamentos pretendidos para cada posição de jogo. Entretanto, pesquisas recentes com categorias sub-18, sub-21 e adulta reforçam que os treinadores priorizam abordagens semelhantes às formas parciais de jogo (54, 66, 67). Recente revisão sobre os GBA indicou que há uma dificuldade por parte de treinadores esportivos em desenharem e planejarem atividades de acordo com os princípios dos GBA. Dessa forma, atividades semelhantes às aquelas preconizadas pelo GBA são desenvolvidas, porém há pouca intervenção dos treinadores com o intuito de auxiliar na construção de conhecimentos pertinentes aos jogadores e às situações trabalhadas (50).

A diversificação na oferta de formas parciais de jogo durante o processo de treino permite que os jogadores compreendam as suas ações, as ações dos companheiros e dos adversários (63), o que pode auxiliar na resolução de problemas inerentes à prática competitiva e no desenvolvimento da capacidade de tomada de decisão. As tarefas pautadas nas formas parciais de jogo possibilitam que o jogador protagonize as ações ofensivas e defensivas por mais vezes e construa seu conhecimento sobre os conteúdos específicos (64, 65).

As tarefas que preconizam o ensino de comportamentos específicos a partir da utilização de jogos de diferentes matrizes, complexidades (6) e que sejam semelhantes ao contexto formal do handebol proporcionam um ambiente favorável para o desenvolvimento tático e estratégico e pode ser compreendido como uma possibilidade dentro dos GBA. A discussão suscita novas questões científicas sobre os limites e as correspondências entre a diversificação e a especialização, pois precisa-se compreender de forma aprofundada até que ponto a diversificação de postos nas últimas etapas do processo de formação esportiva não pode contribuir para a compreensão de outros comportamentos que auxiliem no desempenho específico.

Percebe-se que todos os treinadores identificam a importância do ensino com base em jogos para o ensino de comportamentos pertinentes à utilização do AFP, por meio do seu potencial para o ensino de elementos estratégico-táticos alinhados ao seu modelo de jogo, aos princípios de ação e às regras de ação preconizadas para a

resolução de problemas específicos do jogo. Os resultados corroboram pesquisas recentes sobre as principais abordagens de ensino utilizadas na categoria sênior no Brasil (66, 67) e indicam que as preferências dos treinadores para o ensino do AFP não sofreram alterações mesmo com as novas possibilidades de organização ofertadas pelas alterações regulamentares de 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa avançou na discussão das alterações regulamentares que ocorreram no handebol em 2016. Dessa forma, os objetivos predispostos foram cumpridos identificando e discutindo os aspectos referentes ao processo de treino do AFP e as mudanças organizacionais que a alteração na regra 4 suscitou ao jogo de handebol.

Os treinadores destacaram modificações nos padrões organizacionais ofensivos (todos os atacantes podem desfazer a substituição com o goleiro) e defensivos (dificuldade de manter sistemas defensivos profundos mediante utilização do AFP para gerar superioridade numérica) depois das alterações regulamentares em 2016. Notaram-se aspectos pertinentes para a utilização ou não do AFP e que podem ser utilizados por treinadores no desenvolvimento de seus modelos de jogo.

Os resultados indicam que os treinadores apoiam o processo de treino das situações do AFP em abordagens sustentadas pelos princípios do GBA por meio de atividades que exploram problemas identificados no jogo. Todos os treinadores destacaram um processo de treino preocupado em ofertar o jogo como estratégia pedagógica principal, porém o cenário apresentado pelo discurso de alguns treinadores (T2F e T7M) revelou a dificuldade encontrada em diversificar os estímulos para proporcionar a construção dos conhecimentos pertinentes ao desempenho esportivo na utilização do AFP.

O paradigma tradicional de ensino dos esportes coletivos é superado pelos treinadores entrevistados, reforçando a necessidade de uma compreensão sistêmica do jogo. De modo geral, os resultados indicaram que as preferências dos treinadores para o ensino de comportamentos específicos da utilização do AFP não mostraram-se divergentes do que já havia sido constatado em pesquisas anteriores com a categoria adulta.

A partir das respostas encontradas para a pergunta central deste estudo destacaram-se possíveis implicações práticas e teóricas para o processo de formação dos

treinadores. A possibilidade de jogo com e contra o AFP mostrou-se conteúdo importante a ser explorado pelos cursos de formação continuada para a produção de novos conhecimentos estratégicos, táticos e técnicos enfatizados ao longo das diversas etapas de formação do jogador de handebol. Assim como o handebol, outros esportes coletivos podem beneficiar-se dos resultados apresentados, pois elucidou-se como uma alteração regulamentar suscitou novas possibilidades organizacionais ao jogo.

A partir dos resultados discutidos, sugere-se novas perspectivas de pesquisa: 1. Aprofundar nos comportamentos específicos do AFP a serem desenvolvidos para cada fase de jogo; 2. Constatar se houve modificação nas demandas físicas dos goleiros de handebol depois da alteração regulamentar de 2016; e 3. Compreender as diferenças e semelhanças no processo de especialização esportiva na categoria adulta a partir da utilização de abordagens com base nas formas básicas e parciais de jogo.

**ARTIGO 2 - O jogador de quadra adicional durante a fase defensiva e de
transição defensiva**

O uso do jogador de quadra adicional no handebol e suas implicações para os comportamentos defensivos

Resumo:

Alterações na regra do jogo de handebol em 2016 implicaram comportamentos específicos no uso do jogador de quadra adicional (JQA). Esta pesquisa objetivou compreender, a partir da opinião dos treinadores brasileiros, os comportamentos preconizados para a fase defensiva mediante utilização do JQA pela equipe adversária e para o retorno defensivo após utilização da estratégia. Sete treinadores brasileiros de handebol participaram de entrevistas semiestruturadas. Para participar os treinadores precisavam preencher um dos seguintes critérios: 1. Classificar-se entre as quatro equipes mais bem colocadas na liga nacional de handebol da categoria adulta em uma das temporadas entre 2016 e 2018; 2. Integrar a comissão técnica das seleções brasileiras adultas no período entre 2016 e 2018. Os dados foram tematicamente analisados. Identificaram-se comportamentos específicos do retorno defensivo, como pressionar os adversários assim que perde-se a posse de bola, e destacaram-se aspectos referentes a “quando” deve ocorrer a substituição do JQA e “quem” tem a responsabilidade de realizá-la. Os treinadores indicaram a utilização de sistemas defensivos com menos profundidade (6:0 e 5:1) e reforçaram o emprego de ações técnico-táticas de antecipação, como a dissuasão e a flutuação, que buscam a igualdade numérica na região da bola. A pesquisa apresentou possíveis contribuições para a construção de direcionamentos para o jogo com JQA no modelo de jogo, o papel dos sistemas defensivos fechados na assimetria numérica e a capacidade de adaptação das orientações defensivas diante do cenário complexo e imprevisível do jogo.

Palavras-chave: Handebol; Jogador de quadra adicional; Fase defensiva; Sistema defensivo; Ensino.

INTRODUÇÃO

O handebol pode ser caracterizado como um sistema complexo e imprevisível marcado pela disputa entre duas equipes com objetivos contrapostos, dessa forma aparecem possibilidades de organização (9) conforme as interações entre companheiros, adversários e as regras específicas. Novas possibilidades organizacionais do jogo acontecem quando percebe-se padrões de organização diferentes dos hegemônicos, podendo ser causados a partir de alterações ocasionadas a partir do interior do sistema ou através de modificações estruturais (8, 9). Os princípios e regras de ação dos esportes coletivos de invasão dividem-se em princípios de ataque e de defesa, associando as transições de acordo com a posse (ataque) ou não da bola (defesa) (3), dessa forma sugerem-se diretrizes iniciais relacionadas aos propósitos das ações individuais, grupais e coletivas para cada fase de jogo. Partindo das especificidades causadas pelas regras do handebol, como o manuseio do implemento com a mão, o limite de deslocamento com a

posse da bola e a proibição de deslocamentos terrestres sobre a área do goleiro, propuseram-se princípios do jogo de handebol (5) com a finalidade de contribuir para um processo de formação esportiva no esporte que respeite as etapas que os atletas se encontram.

Os treinadores contribuem com novas possibilidades de organização do jogo a partir de seu papel de liderança dentro da equipe (9), o que inclui modelos de jogo para estabelecer diretrizes para os comportamentos individuais, grupais e coletivos (59, 68, 69). O modelo de jogo apresenta uma funcionalidade geral e concisa para coordenar as ações, permitindo que os jogadores adaptem seus comportamentos de acordo com o contexto que encontram a partir de diretrizes gerais (59, 68). Por meio do modelo de jogo, os treinadores sugerem comportamentos de ordem estratégica, tática e técnica que auxilie os jogadores a alcançarem os objetivos estabelecidos para cada fase de jogo (69) e, até mesmo, nas situações especiais (como as situações de assimetria numérica e passivo).

Equipes que levam punição de dois minutos têm uma queda no desempenho, vez que a assimetria numérica momentânea causada pela exclusão de um jogador interfere nas ações defensivas e favorece que a equipe adversária melhore seu desempenho ofensivo (70). A assimetria numérica pode ser causada também pela utilização da estratégia do JQA (13) – que pode ser utilizada para propor uma superioridade numérica (7x6) ou na tentativa de aproximar a relação numérica após suspensão. A alteração regulamentar de 2016 (11, 12) favoreceu a utilização do JQA, pois agora não há responsabilidade de um atleta específico na substituição o que suscitou novas possibilidades organizacionais (9) do jogo de handebol. Percebe-se que as equipes adaptaram o comportamento ofensivo ao longo dos anos que sucederam a alteração regulamentar, pois nos Jogos Olímpicos de 2016 (20) não houve diferenças significativas entre as situações com e sem utilização do JQA, enquanto os ataques que o utilizaram durante as situações de exclusão mostraram-se mais eficazes que os ataques que não utilizaram nos campeonatos mundiais adultos (masculino e feminino) de 2017 (19, 22). Pesquisas constataram que, no geral, as equipes que utilizaram o JQA não foram prejudicadas diretamente com um gol pela utilização da estratégia de atacar sem goleiro (20, 22, 23).

Identificaram-se diversas pesquisas que investigaram a utilização do JQA durante a fase ofensiva (16, 17, 19, 20, 22, 23) e apenas duas que trouxeram apontamentos sobre o seu uso para a fase defensiva (13, 21), desse modo reconhece-se a

necessidade de explorar de forma mais aprofundada as implicações defensivas mediante utilização do JQA por parte da equipe adversária. As produções científicas recentes sobre treinadores de handebol reforçam dados específicos do continente europeu evidenciando a necessidade de novas produções acerca de contextos emergentes (24). Compreender o contexto brasileiro mostra-se importante, também, para os cenários tradicionais, vez que o país tem despontado internacionalmente com jogadores e jogadoras atuando nos principais campeonatos europeus. Dessa forma, a presente pesquisa objetivou compreender a partir das perspectivas dos treinadores brasileiros os comportamentos preconizados para a fase defensiva mediante utilização do JQA pela equipe adversária, as relações destes com o contexto de jogo do handebol e as possíveis implicações para o processo de treino e jogo.

MÉTODOS

Esta pesquisa fez parte de um projeto amplo de investigação sobre o jogador de quadra adicional a partir da opinião de treinadores brasileiros intitulado “O jogador de quadra adicional no handebol: perspectivas de treinadores brasileiros sobre a estratégia”.

Participantes e aspectos éticos

Sete treinadores brasileiros de handebol com média de idade de 46,6 ($\pm 9,4$) anos participaram desta pesquisa. Os treinadores foram selecionados com base em um processo de exclusão que preconizava treinadores de equipes femininas e masculinas que ocuparam da primeira à quarta posição na categoria adulta da LNH e treinadores das seleções nacionais entre o período de 2016 e 2018. O processo de exclusão selecionou 10 possíveis participantes, entretanto três foram excluídos por não retornaram ao contato do pesquisador e/ou não concordaram em participar. Os sete treinadores são homens, sendo que seis deles residem no Estado de São Paulo e um no estado de Santa Catarina. Todos são graduados em Educação Física há, em média, 25,9 ($\pm 9,9$) anos e possuem 26 ($\pm 11,6$) anos de experiência profissional. Quatro treinadores atuam em equipes masculinas (T1M, T5M, T6M e T7M) e três em equipes masculinas (T2F, T3F e T4F). Todos os sete participantes aceitaram a participação, o que culminou com a autorização de utilização dos dados fornecidos por meio do TCLE. O processo ético foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da EEFERP-USP (CAAE: 39796814.8.0000.5659).

Produção e análise dos dados

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas para a produção dos dados, nas quais valoriza-se a possibilidade de recorrer a um roteiro de entrevista com perguntas previamente estabelecidas que possibilita a intervenção do pesquisador durante a entrevista com novos questionamentos que buscam abordar temas tratados superficialmente ou que não foram previstos (27, 28). Três questões centrais auxiliaram na construção do instrumento de entrevista desenvolvido em conjunto pelos autores, sendo elas: 1. Fale sobre os comportamentos esperados para o retorno defensivo após a utilização do JQA; 2. Fale sobre a substituição do JQA; 3. Fale sobre suas expectativas em relação ao comportamento defensivo diante da utilização do JQA. Todas as entrevistas foram realizadas individualmente em data e horário pré-agendados de acordo com a disponibilidade dos participantes. O primeiro autor – com experiência prévia de quatro anos com a técnica de produção de dados – realizou as entrevistas por meio de aplicativos de chamadas de vídeo (Google Meet, Skype e Zoom), por questões de logística que dificultaram o deslocamento até as cidades que os treinadores residem. Todas as entrevistas tiveram gravação de vídeo e áudio para posterior transcrição para um editor de texto do Google Docs. Posteriormente, as transcrições foram enviadas aos treinadores revisarem e assinalarem positivo para a sequência do tratamento dos dados.

Os dados produzidos pela técnica de entrevista foram analisados de acordo com o protocolo de ATR em seis etapas: 1. Familiarização com os dados; 2. Geração de códigos iniciais; 3. Produção de temas iniciais; 4. Revisão dos temas; 5. Definição e nomeação dos temas; 6. Produção do relatório (29, 30, 35). Apoiando-se em um caráter, preferencialmente, teórico-dedutivo, latente e construcionista, aspectos específicos dos dados foram analisados e sustentaram a definição dos temas a partir de códigos recorrentes e/ou relevantes nos discursos dos treinadores. A ATR reforçou seu caráter flexível por meio de um processo de análise interativo entre dados e teoria evidenciado no papel do pesquisador que produziu temas a partir de categorias resultantes do processo reflexivo profundo entre a literatura específica e o envolvimento com os dados (35, 71). A flexibilidade do processo de análise apresentada anteriormente justificou a escolha pela ATR, além de mostrar-se um método de análise acessível para categorizar grandes quantidades de dados (30).

Discutiu-se nesta pesquisa um tema (Aspectos da fase defensiva e de retorno defensivo a partir da utilização do JQA) e dois subtemas que o constituem. A pesquisa

maior encontrou três temas, entretanto apenas um foi incorporado nesse texto devido à proximidade com o problema de pesquisa apresentado (Figura 5).

Figura 8. Mapa temático com temas e subtemas da ATR, com destaque para o tema e os subtemas do artigo 2.

O primeiro subtema (O retorno defensivo e as orientações para a substituição do JQA) trata da etapa de retorno defensivo⁷ e identificou categorias de análise referentes a “*impedir finalização ao perder a bola*”, “*quando substituir o JQA*” e “*jogador de quadra responsável pela substituição*”. Enquanto o segundo tema (Aspectos da defesa posicionada contra a utilização do JQA) apresentou categorias de análise pertinentes à defesa posicionada⁸, sendo eles: “*igualdade numérica*” e “*inferioridade numérica*”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa pesquisa pretendeu identificar e analisar os comportamentos preconizados pelos treinadores brasileiros para a fase defensiva mediante utilização do JQA pela equipe adversária, as relações destes com o contexto de jogo do handebol e as possíveis implicações para o processo de treino e jogo. Os treinadores reforçaram que a fase defensiva se inicia pelo processo de retorno defensivo, com isso a ATR destacou um tema (Aspectos da fase defensiva e de retorno defensivo a partir da utilização do JQA) que constitui-se de dois subtemas, sendo o primeiro “O retorno defensivo e as

⁷ Retorno defensivo é a fase de jogo transitória que inicia após a perda da posse da bola e encerra na estruturação defensiva no sistema pretendido. Durante essa fase, as equipes pretendem retornar ao campo defensivo evitando o contra-ataque adversário ao passo que buscam cobrir as zonas mais perigosas e equilibrar as relações numéricas 60. Ibid..

⁸ Defesa posicionada é a fase de jogo que procede o retorno defensivo após uma rápida organização defensiva por meio dos jogadores que ocupam as suas zonas de responsabilidade 60. Ibid..

orientações para a substituição do JQA” e o segundo “Aspectos da defesa posicionada contra a utilização do JQA”. A seguir, discutiram-se separadamente os resultados apresentados por cada subtema encontrado.

Subtema 1. O retorno defensivo e as orientações para a substituição do JQA

A ATR revelou a preocupação do treinador T3F com os momentos em que o gol está desguarnecido após o fim da fase ofensiva, dessa forma após a finalização do ataque espera-se que a defesa procure inibir finalizações simultaneamente à substituição do JQA pelo goleiro, como pode ser visto no seguinte discurso:

O time que vai atacar [com JQA] também precisa treinar retornar inibindo arremessos. Voltar retornando inibindo o passe, entrar na linha de tiro para inibir arremesso. inibir o arremesso do tiro de saída (T3F).

Apenas um treinador (T3F) destacou o comportamento de procurar inibir arremessos durante a etapa de retorno defensivo depois de utilizar o JQA, que está alinhada à necessidade de um retorno defensivo que dificulte a progressão adversária priorizando a proteção de zonas mais perigosas, até mesmo nas situações de tiro de saída nas quais a rápida organização de um sistema defensivo temporário é entendida como um princípio (4, 5, 72). Percebeu-se que o direcionamento do treinador T3F apresenta-se alinhado aos objetivos esperados para a fase, o que reforça a necessidade dos princípios defensivos e de retorno defensivo para o processo de modelação do jogo e possibilita, ainda, identificar regras de ação que permitam sua operacionalização (como limitar as linhas de passe e dificultar a finalização ao gol).

Para a substituição do JQA, identificou-se duas categorias de análise relevantes que envolvem: 1. o momento adequado para que ocorra a substituição; e 2. os jogadores que devem antecipar o final da ação ofensiva e procederem à substituição. A ATR apontou direcionamentos importantes relacionados ao momento de substituição que podem ser identificados nos trechos a seguir:

Já tem uma ação estabelecida antes para vir para essa troca, geralmente fazem uma ação e esse atleta sai antes de ter o arremesso. As equipes fazem muito isso quando estão com 2 minutos. No 7x6 é um pouco mais difícil essa saída antecipada, mas acontece quando tem essas ações estabelecidas (T1M).

Tem muito atleta que sai muito cedo, então acaba não ajudando. Você acaba trabalhando em superioridade, mas realmente não está com superioridade efetiva, porque o defensor já vê que você está saindo antes e ele já equilibra o jogo (T3F).

Se já tem um jogador definindo o arremesso você antecipa. Você vai sair antes, não vai ficar até o final do arremesso. Assim que inicia o momento do arremesso alguém tem que estar voltando, então não é que você deixa determinado a antecipação (T7M).

Os trechos destacaram a importância dos jogadores não envolvidos na finalização e responsáveis pela substituição anteciparem esse momento deslocando-se para a zona de substituição para a troca com o goleiro. Percebeu-se um conflito para o momento da substituição referente ao momento da troca, os treinadores T1M e T3F destacam momentos que os atletas antecipam demais a substituição e perde-se a relação numérica ofertada anteriormente sem que haja proveito direto desta. Para auxiliar as decisões que envolvem o momento da substituição, a ATR identificou nos seguintes trechos que os treinadores direcionam a responsabilidade da troca para alguns postos de acordo com algumas variáveis do jogo:

Nos treinos orienta-se que as jogadoras que estão mais próximas da zona de troca, quem joga no centro da quadra, a lateral e a ponta do lado da troca, possam ter uma corrida de antecipação, desde que a finalização aconteça num plano que todo mundo sabe o que vai acontecer (T2F).

No 7x6, para ter uma vantagem real, não pode colocar A ou B para sair, porque você vai atacar sempre na igualdade. Então, depois do chute, o jogador mais próximo [da zona de substituição] vem para a troca. No 6x6, coloca-se uma proposta de quem sai, um jogador que atua só no ataque ou o ponta do lado da troca (T6M).

Estabelece-se inicialmente quem sai, depois estabelecem-se zonas próximas. Então você tem que treinar ações para o jogador mais próximo entender a sua troca (T7M).

Os treinadores atribuem a responsabilidade da substituição para os jogadores que ocupam postos próximos da zona de substituição, sendo eles: o central, o lateral e o ponta do lado da zona. Ao definir um jogador específico para a substituição e este finalizar o ataque a substituição ocorrerá em atraso devido ao tempo gasto para a recuperação necessária após o arremesso, dessa forma os treinadores apresentaram um direcionamento que traz três possibilidades diante de um cenário imprevisível onde

qualquer atacante pode estar envolvido na finalização do ataque. Por outro lado, o discurso do T6M destoou dos outros quando destacou que nas situações que utiliza o JQA durante períodos de exclusão (e.g. 6x6) define um jogador específico para realizar a substituição, dessa forma o treinador sugeriu uma situação em que o modelo de jogo é mais rígido em situação de inferioridade numérica ofensiva.

Pesquisas que investigaram a utilização do JQA antes da alteração regulamentar de 2016 identificaram que o JQA ocupava postos específicos, como a posição de central e de lateral(16, 17), pois eram posições que localizavam-se próximas da zona de substituição. As regras atuais dispõem um jogo que não há um jogador caracterizado como JQA, entretanto os responsáveis pela substituição continuam sendo jogadores que atuam em posições similares em quadra. Para que o modelo de jogo supere a simples prescrição do que ‘pode ser feito no jogo’, é necessário que permita e identifique possibilidades de adaptação diante dos diferentes requisitos contextuais (9, 68, 69).

Constatou-se que o contexto de oposição e cooperação simultâneas ofertado pelo jogo promove imprevisibilidade que interfere nas decisões que os jogadores tomam nos momentos de substituição do JQA. Desse modo, os GBA (50, 51) proporcionam situações para o aprendizado de comportamentos específicos, e mostra-se alinhado à abordagem dos conteúdos do retorno defensivo em situações que envolvem o JQA. Por se tratar de categoria adulta, destaca-se a necessidade de atividades e exercícios que ofereçam o encadeamento entre as fases do jogo de handebol (especialmente ataque posicionado, retorno defensivo e defesa posicionada, na temática apresentada).

Subtema 2. Aspectos da defesa posicionada contra a utilização do JQA

O jogo ofensivo com JQA pode propor duas situações distintas: 1. Nos momentos de exclusão utiliza-se na tentativa de aproximar a relação numérica (6x6, 5x6, 5x5...); e 2. Quando substitui-se o goleiro em busca de superioridade numérica (7x6). O subtema 1 revelou que os treinadores entendem que os aspectos defensivos necessários para enfrentar ataques com JQA nos momentos de exclusão não diferem das situações tradicionais em que se estabelece a relação 6x6, como pode ser visto no discurso do T7M.

A primeira coisa como plano [defensivo] é que vamos tentar roubar a bola. Temos que ser agressivos, temos que estar flutuando, temos que estar cobrindo as linhas

de passe. O pensamento não muda [com goleiro ou sem] (T4F).

Qual é o seu modelo de jogo defensivo? Seu modelo é de pressão, é de antecipação? Você vai manter o seu modelo, independentemente de estar com goleiro ou sem (T7M).

Os treinadores preconizam que suas equipes mantenham o modelo de jogo defensivo independentemente do uso do JQA pelas equipes adversárias ou da relação numérica estabelecida. O modelo de jogo representa as possibilidades estratégicas, táticas e técnicas para atender aos princípios de jogo, e o treinador estabelece possíveis comportamentos inerentes aos constrangimentos oferecidos pelo jogo (9, 68). Para que os princípios estipulados no modelo de jogo se concretizem é necessário estabelecer relações desses com as tarefas do treino (68). Nesse âmbito os GBA (50, 51) possibilitam enfatizar especificamente as regras de ação consideradas relevantes para o contexto do jogo de handebol.

Os participantes também destacaram que as defesas devem induzir à finalização em locais específicos da quadra:

Muitas equipes procuram gerar superioridade para o lado da troca para deixar os atletas que estão mais próximos da troca com possibilidade de fazer gol e ter uma troca mais longa com um pouco mais de dificuldade (T3F).

[É esperado] que o chute sempre saia do lado da troca para que eles tenham mais dificuldade e conflito na troca (T6M).

A equipe que ataca com o JQA precisa da ação antecipatória de um jogador de quadra durante a finalização da ação ofensiva para que ocorra a substituição pelo goleiro, sem deixar o gol vulnerável por muito tempo. Os treinadores T3F e T6M priorizam que os arremessos adversários sejam de regiões próximas à zona de substituição quando utilizam o JQA, o que dificultaria o retorno desses para a substituição. Antes da alteração do regulamento em 2016 (11, 12), os treinadores brasileiros destacaram que a defesa induzia a finalização do jogador caracterizado como goleiro por dificultar a sua substituição .

Preconizar a finalização em uma região mostra-se como um importante princípio do modelo de jogo defensivo, com possíveis direcionamentos sobre “como” e “o que” fazer mediante situações com utilização do JQA. Na medida em que a defesa tenta

induzir a finalização do ataque em determinada região, está suscetível a objetivos ofensivos contrapostos. A relação sistêmica complexa apresentada anteriormente reforça a necessidade de um modelo de jogo capaz de possibilitar que os jogadores se adaptem às adversidades que o contexto de jogo oferece. Os treinadores T2F, T3F, T6M e T7M afirmaram que a alteração regulamentar de 2016 interferiu no modelo de jogo de algumas equipes, como pode ser visto nos trechos a seguir:

Em alguns momentos começamos a usar o 5:1 com o avançado um pouco mais baixo, para deixar o central mais distante e propor essa dificuldade no passe (T1M).

Muitas equipes da África, da Ásia e da América do Sul utilizavam defesas abertas e hoje não é tão fácil. [...] As defesas mistas são difíceis hoje, porque, se você tirar alguém das linhas de defesa para marcar alguém, a outra equipe coloca o JQA e fica impossível (T2F).

Muitas vezes, equipes orientais defendiam muito aberto, 3:3 quase no meio da quadra, às vezes em marcação individual. [A alteração regulamentar] prejudicou eles, porque agora com o JQA dificulta se quiser jogar muito alto e te obriga a abaixar um pouquinho tua linha. [...] Eu treino duas ações defensivas para jogar em 6x7, tanto 6:0 quanto 5:1. Eu treino as duas e vai depender do jogo o que a gente vai usar (T3F).

Toda a fase pré-olímpica, os campeonatos continentais e depois o pré-olímpico jogou-se com a regra antiga e nos jogos olímpicos jogou-se com a regra nova. [...] Ninguém tinha tido tanto tempo para treinar a regra nova. [...] Tem que olhar porque você está fazendo e contra quem está fazendo [...] se tentar jogar 5:1 contra equipes com jogadores muito competentes na relação com pivô, você pode sofrer dependendo de onde os pivôs estão. Se o ataque tende a ter diagonais para dentro, você coloca o 5:1 e acaba com o jogo (T7M).

A alteração nas regras do jogo que facilitou a utilização do JQA também acarretou alterações para os modelos de jogo defensivos que preferiam sistemas defensivos abertos (em duas ou mais linhas), individuais e mistos. A assimetria numérica dificulta a manutenção da correspondência direta do defensor com um marcador, o que propõe adaptações também para a adequação dos princípios do modelo do jogo por meio da avaliação do desempenho e das sessões de treino (68). Destaca-se a reflexão do treinador T7M que reivindicou que as alterações regulamentares devem respeitar o tempo necessário para a adaptação do modelo de jogo para a competição.

A assimetria numérica dificulta a utilização de sistemas defensivos abertos, como 3:3, 3:2:1 e 4:2, pois há dificuldade de estabelecer responsabilidades defensivas diretas e imediatas durante as situações de inferioridade numérica defensiva. A escolha por sistemas defensivos mais compactos nas situações de inferioridade numérica reforça o papel destes em facilitar algumas ações técnico-táticas, como a basculação, a cobertura e o deslize (60, 72), devido a maior proximidade entre os defensores, dessa forma os defensores conseguem ganhar tempo na busca do equilíbrio nas zonas de conflito defensivo. Embora seja possível manter defesas em duas linhas, como o 5:1, a dificuldade de manutenção de sistemas defensivos abertos apresenta um contexto de aprendizagem complexo e que pode implicar dificuldades no processo de aprendizagem de comportamentos específicos, assim como defendido pelo treinador T5M: “não aconselho para as categorias menores, acho que tem muito mais coisas para se fazer, como os jogos em defesas abertas e o 1x1” e reforçado pelo cenário encontrado nas categorias Sub-12 e Sub-14 do Estado de São Paulo (21).

Para as situações que enfrentam ataques que utilizam o JQA provocando uma superioridade numérica (7x6), os participantes ressaltaram a necessidade de comportamentos defensivos para igualar a relação numérica na região próxima da bola:

Para defender o ataque em superioridade, tenho que saber antecipar o que o adversário vai ou quer realizar. [...] Todos tem que ser muito bom de linha de passe, não só de ocupar o espaço, mas de entrar no caminho da bola, tanto nos bloqueios defensivos como nas linhas de passe para pivôs, passe na mesma linha ou em linhas diferentes. [...] Criar situações que o ataque sempre está em dúvida do que fazer (T2F).

Dependendo de onde estão os pivôs você pode montar o seu sistema defensivo anulando essa superioridade. Começou-se colocando muito o pivô entre 1º e 2º dos dois lados e isso não foi uma boa tarefa, porque os primeiros defensores começaram a subir e o meio do ataque ficava equilibrado em 3x3, então não tinha vantagem (T7M)

A interpretação dos resultados identificou que nas situações de inferioridade numérica defensiva as ações técnico-táticas individuais de antecipação, como a dissuasão e a flutuação (60, 72) para limitar as primeiras linhas de passe do atacante com posse de bola favorecendo o equilíbrio numérico nessa zona. Os treinadores reforçam a importância de ações grupais e individuais que emergem, como a dissuasão,

o deslize⁹, a basculação¹⁰ e a cobertura¹¹, na busca pelo equilíbrio defensivo (e.g. se o central possui a bola e um dos primeiros defensores dissuade a linha de passe possível para o lateral, cria-se uma igualdade numérica momentânea com a extremidade da quadra vulnerável, porém essa conexão leva mais tempo e permite que o segundo defensor, a partir de um deslize, equilibre a ação defensiva naquela zona).

O resultado apresentado reforça a necessidade de um processo de treino que possibilite o aprendizado de regras de ação defensivas para operacionalizar os princípios da fase defensiva, como criar incertezas e reduzir as possibilidades dos atacantes (5). As formas básicas de jogo e as formas parciais podem reforçar o contexto da assimetria numérica para que os jogadores adaptem comportamentos inerentes aos problemas apresentados, bem como os ajustes em meios táticos como a dissuasão e a flutuação. Os resultados discutidos sobre os comportamentos pertinentes ao retorno defensivo e à defesa posicionada propõem possíveis indicadores de desempenho que podem auxiliar no processo de elaboração do modelo de jogo e de avaliação das equipes de handebol durante a utilização do JQA.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Os treinadores brasileiros preconizam pressionar os adversários assim que perdem a posse da bola, para facilitar a substituição do goleiro pelo jogador mais próximo à zona de substituição que antecipa a finalização da fase ofensiva. Para a fase de defesa posicionada, os treinadores indicam a utilização de sistemas defensivos fechados (6:0 e 5:1) com o emprego de ações técnico-táticas de antecipação que buscam a igualdade numérica na região da bola. Embora as entrevistas tenham permitido identificar a subjetividade dos treinadores sobre os comportamentos que indicam diante da utilização do JQA, reconhece-se como limitação da pesquisa a dificuldade de assegurar que o ambiente virtual permitiu criar condições favoráveis para identificar expressões e reações dos treinadores ao responder questionamentos relevantes.

⁹ Deslize é a troca de postos defensivos por parte dos jogadores mediante uma troca de postos dos atacantes na qual não é possível realizar a troca de marcação. O deslizamento ocorre quando os defensores se encontram escalonados (em profundidades diferentes) objetivando evitar que um atacante esteja livre depois de cruzamentos ou deslocamentos amplos 60. Ibid..

¹⁰ Basculação é um movimento dos defensores que, em conjunto, pretendem ocupar os espaços em função da direção de circulação de bola. A basculação é realizada com o objetivo de dificultar a penetração dos atacantes no sistema defensivo ou mesmo sua aproximação da linha de seis metros 60. Ibid..

¹¹ Cobertura é caracterizado pela ação de ajuda de um defensor para com seu companheiro que foi vencido no confronto individual com o oponente direto. A cobertura é realizada com o objetivo de respaldar a ação defensiva do companheiro protegendo a zona específica da bola 60. Ibid..

Após a discussão dos resultados sugere-se os GBA como alternativa pedagógica para a atuação profissional dos treinadores de handebol diante dos conteúdos do JQA. Comportamentos específicos, como pressionar o adversário com bola (ao perder a sua posse), realizar ações técnico-táticas de antecipação defensiva (dissuasão, flutuação, deslize...) e buscar a igualdade numérica na região da bola quando em situação de inferioridade numérica defensiva, destacaram-se como conteúdos pertinentes da fase defensiva mediante utilização do JQA pela equipe adversária. A pesquisa apresentou possíveis contribuições para a construção de direcionamentos para o jogo com JQA no modelo de jogo, o papel dos sistemas defensivos fechados na assimetria numérica e a capacidade de adaptação das orientações defensivas diante do cenário complexo e imprevisível do jogo.

Novas possibilidades para pesquisas futuras foram identificadas, como investigações sobre: 1. A fase defensiva mediante equipes que utilizam o AFP por meio de pesquisas *in loco*; 2. A eficácia dos diferentes sistemas defensivos diante da utilização do AFP em situações de igualdade numérica; 3. A eficácia dos diferentes sistemas defensivos diante da utilização do AFP em situações de superioridade numérica; e 4. O papel das defesas mistas e individuais perante utilização do AFP.

ARTIGO 3 - O jogador de quadra adicional durante a fase ofensiva

Artigo 3**Possibilidades e comportamentos da utilização do jogador de quadra adicional durante a fase ofensiva do jogo de handebol****Resumo:**

As alterações regulamentares de 2016, especificamente as que regulam a utilização do jogador de quadra adicional (JQA), suscitaram novas possibilidades organizativas ao jogo a partir de sua modificação estrutural, dessa forma adaptações de ordem estratégica, tática e técnica foram requisitadas. Esta pesquisa objetivou identificar, a partir da opinião de treinadores brasileiros, as possibilidades de utilização do JQA e os comportamentos que esperam durante a fase ofensiva com o uso dessa estratégia. Sete treinadores brasileiros de handebol foram entrevistados por meio de entrevistas semiestruturadas. Analisaram-se os dados tematicamente. Os treinadores revelaram duas possibilidades de utilização do JQA, uma para oferecer superioridade numérica ofensiva (6+JQA vs 6) e outra para aproximar a relação numérica depois de uma punição de dois minutos (5+JQA vs 6). A utilização do JQA mostrou-se relacionada com as características dos jogadores disponíveis, o modelo de jogo desenvolvido, e o contexto do jogo (placar de jogo, tempo e o desempenho ofensivo). Os momentos de uso do JQA para proporcionar a vantagem numérica justificam-se pela busca por dificultar a pressão da defesa adversária sobre as ações ofensivas e, também, para favorecer ações de um contra o goleiro. Já a utilização do JQA durante os momentos de exclusão pretende igualar a relação numérica permitindo criar mais linhas de passe, aumentar o tempo de ataque e equilibrar as ações ofensivas. Identificaram-se comportamentos pertinentes ao jogo com JQA oferecendo subsídios importantes para o processo de avaliação e de adaptação dos modelos de jogo para utilização da estratégia.

Palavras-chave: Handebol; Jogador de quadra adicional; Fase ofensiva; Goleiro; Ensino.

INTRODUÇÃO

Os comportamentos dos jogadores e suas relações com os companheiros e adversários são dependentes das regras específicas do esporte, caracterizando-o como um fenômeno sistêmico, complexo e imprevisível (6, 9, 68). Novas possibilidades organizativas do jogo são vistas na medida em que novos padrões de organização são identificados ao longo das suas fases, ataque, defesa e transições (8, 9). As novas formas de organização desse sistema são ocasionadas a partir do seu interior ou através de alterações na sua estrutura (8). Em 2016 houve alterações no regulamento do handebol (11, 12) que propuseram outras perspectivas para o jogo sem goleiro, essas alterações reforçaram a utilização do JQA como alternativa estratégica, principalmente, durante os períodos com exclusão (13).

Antes das alterações realizadas nas regras em 2016, era necessário contar com um jogador caracterizado como goleiro durante todo o jogo, o jogador especialista que

assumia o papel de JQA após substituição com o goleiro deveria estar vestindo um uniforme de cor semelhante ao goleiro (15). Após as alterações regulamentares de 2016 a permanência do goleiro em quadra durante todo o jogo não é obrigatória, o que permite ao jogador que assume o papel de JQA utilizar uniforme semelhante aos companheiros de quadra (11, 12). Essa alteração retira a obrigatoriedade de o mesmo atleta realizar a alteração com o goleiro, o que pode acelerar a alteração e diminuir o risco de jogar com o gol vazio (13).

A estratégia do jogo sem goleiro no handebol é utilizada desde, pelo menos, 1970 e geralmente estavam relacionadas aos momentos finais de uma partida com placar negativo que os treinadores posicionavam o goleiro como pivô na fase ofensiva como alternativa para reverter um placar adverso. Outros treinadores optavam por substituir o goleiro por um jogador de quadra para assumir um papel ofensivo específico (14). Campeonatos que antecederam as alterações regulamentares de 2016 (11, 12) já notificavam que algumas equipes estavam substituindo o goleiro por um JQA na fase ofensiva, principalmente durante os momentos que sucediam exclusões (16, 17).

Os períodos de exclusão por dois minutos¹² ganharam destaque em pesquisas que investigam o handebol (70, 73, 74) porque ocasionam relações assimétricas entre ataque e defesa, sendo que as equipes devem tentar se organizar durante tais períodos. Uma análise dos jogos masculinos dos principais campeonatos mundiais entre 1982 e 2014 não identificou relação entre a quantidade de exclusões e o desempenho das equipes, entretanto percebeu-se um aumento do número de punições de dois minutos ao longo do intervalo estudado (73). Análises de jogos do campeonato pan-americano feminino de 2015 sugeriram que as equipes com exclusão têm menor desempenho (74), já em outra pesquisa que investigou equipes masculinas da liga espanhola de handebol (Liga ASOBAL temporada 2011-2012) as equipes vencedoras tiveram melhor aproveitamento do que as perdedoras nos períodos de exclusão (70).

Depois da alteração regulamentar, alguns estudos investigaram a interferência do JQA nos parâmetros de análise do jogo em nos campeonatos de âmbito continental e mundial (19, 20, 22, 23). As análises dos campeonatos masculinos que sucederam a alteração regulamentar sugerem que as equipes estão refinando a estratégia (19), sendo possível notar melhor aproveitamento do uso do JQA ao longo dos últimos anos (19, 22, 23). A análise dos jogos masculinos de handebol das Olimpíadas de 2016 mostrou que a

¹² As exclusões por dois minutos são alternativas dentro das sanções progressivas.

utilização do JQA não proporcionou vantagens ou desvantagens diretas para a equipe que utilizou (20). Em contrapartida, em alguns campeonatos masculinos da mesma categoria que sucederam os Jogos Olímpicos (como o mundial de 2017 e o europeu de 2020) as ações com uso do JQA, principalmente durante os períodos com exclusão, mostraram-se mais eficazes que os momentos com punição de dois minutos e que não utilizava-se a estratégia (19, 23). Somente uma pesquisa investigou a utilização do JQA em equipes femininas e os resultados apresentados corroboraram (22) as análises dos campeonatos mundial masculino de 2017 (19) e europeu masculino de 2020 (23).

Outras duas pesquisas investigaram o tema da utilização do JQA a partir da compreensão dos treinadores, uma com foco na sua relação com os regulamentos adaptados das categorias sub-12 e sub-14 (21) e outra na organização estratégico-tática do jogo na categoria adulta (13). Analisar os princípios que sustentam o emprego de uma estratégia pode contribuir com a formação continuada de treinadores, pois esses conhecimentos podem auxiliar o processo de construção, avaliação e adaptação do modelo de jogo de equipes de handebol (59, 68). Em uma recente revisão sistemática sobre treinadores de handebol identificou-se a necessidade de investigar temas pertinentes aos treinadores, como comportamentos estratégicos, táticos e técnicos, e em contextos diferentes do continente europeu (24), dessa forma o cenário brasileiro mostra características de um país emergente que conta com atletas atuando nas principais ligas do mundo. Esta pesquisa objetivou identificar nos discursos dos treinadores brasileiros as possibilidades de utilização do JQA e os comportamentos que esperam durante a fase ofensiva com o uso dessa estratégia.

MÉTODOS

Essa pesquisa originou-se de uma investigação qualitativa maior sobre o JQA segundo treinadores de handebol, intitulada “O jogador de quadra adicional no handebol: perspectivas de treinadores brasileiros sobre a estratégia”. A pesquisa qualitativa é indicada para trabalhos que buscam explicar como determinado fenômeno é compreendido e/ou se comporta dentro de um contexto específico. Nesse sentido, optou-se por uma abordagem qualitativa, pois os objetivos da pesquisa mostraram-se inclinados à compreensão de como o tema do JQA é entendido pelos treinadores brasileiros dentro do contexto esportivo de prática. Destaca-se a experiência prévia dos três pesquisadores com as opções metodológicas (entrevistas semiestruturadas e análise temática reflexiva). O primeiro e o último autor possuem vasta experiência, também,

como atletas e treinadores de handebol, o que auxiliou nos processos de seleção dos participantes, de produção e de análise dos dados.

Processo de seleção dos participantes e produção dos dados

O processo de seleção dos participantes enfatizou treinadores de handebol da categoria adulta de equipes e das seleções masculinas e femininas brasileiras. Outras características que contribuíram com o critério de exclusão dos participantes foi a qualificação de suas equipes na LNH (foram escolhidos os treinadores que se classificaram entre as quatro melhores equipes de cada temporada entre 2016 e 2018). Foram selecionados sete participantes dos 10 possíveis, sendo todos homens formados em educação física há 25,9 ($\pm 9,9$) anos em média, com idade média de 46,6 ($\pm 9,4$) anos e média de 26 ($\pm 11,6$) anos como treinador de handebol. Três treinadores que preenchiam o perfil requisitado foram excluídos do processo de seleção por dificuldades de contato ou por não aceitarem participar da pesquisa.

Após as respostas assertivas com relação à participação e os primeiros contatos, foi solicitado aos treinadores data e horário para realizar a entrevista por meio de uma chamada de vídeo – realizadas por meio de aplicativos específicos como Google Meet, Skype e Zoom. Os sete treinadores que aceitaram participar da pesquisa autorizaram a utilização dos dados por meio do TCLE e o processo ético foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da EEFERP-USP (CAAE: 39796814.8.0000.5659).

A entrevista foi guiada por um instrumento de entrevista semiestruturada por permitir que o entrevistador estabeleça novas questões para investigar temas novos que surgiram e são pertinentes, bem como para aprofundar em assuntos tratados superficialmente (27, 28). O roteiro elaborado inicialmente pautou-se nas seguintes perguntas: 1. *“Quais momentos do jogo o treinador observa a utilização do JQA? O que leva o treinador a utilizar a estratégia?”*; 2. *“Quais as vantagens e desvantagens da utilização do JQA para propor a superioridade numérica e durante os momentos de exclusão?”*; 3. *“Quais os comportamentos esperados pelo treinador enquanto utiliza o JQA?”*. Todas as entrevistas tiveram áudio e vídeo gravados para posterior transcrição em um aplicativo editor de texto (Microsoft Word 2016).

Análise dos dados

As transcrições foram submetidas a um processo de análise orientado pelo protocolo de ATR, o qual possibilitou aos pesquisadores identificar, organizar e

categorizar padrões relevantes de um grande banco de dados de forma concisa que contribuiu com o problema de pesquisa levantado (29, 30, 35). O processo de análise seguiu seis etapas (30) e foi orientado ao tratamento de aspectos específicos dos dados por meio de um viés, preferencialmente, teórico-dedutivo, construcionista e latente (29, 30, 35). Os padrões que produziram os temas foram definidos de acordo com a recorrência de códigos nos discursos de, ao menos, três treinadores. A escolha pela ATR deu-se pela sua aplicabilidade ao campo esportivo (37, 38), sua flexibilidade que permite análises com orientações epistemológicas distintas (30, 35) e a acessibilidade oferecida pelo protocolo que mostrou-se prático e eficaz (29, 30).

Esta pesquisa apresentou um tema (“Características da utilização do JQA durante a fase ofensiva na superioridade numérica e ao aproximar a relação numérica”), dos três identificados na pesquisa guarda-chuva (como visto na Figura 6). A justificativa pela escolha do tema deu-se pela sua aproximação com o problema de pesquisa levantado, dessa forma os resultados apresentados contribuíram com os avanços propostos pela pesquisa.

Figura 9. Mapa temático com tema e subtemas da ATR, com destaque para o tema e os subtemas do artigo 3.

Os dois subtemas (“*Aspectos específicos do jogo em superioridade numérica com JQA*” e “*Características do uso do JQA para aproximar a relação numérica e do jogo sem goleiro*”) auxiliaram a produção do tema que procurou contribuir com a discussão que envolve a identificação dos princípios que sustentam a utilização do JQA na fase ofensiva do jogo de handebol.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo deste estudo foi analisar como os treinadores brasileiros entendem as possibilidades de uso da estratégia do JQA e os comportamentos pertinentes ao jogo sem goleiro durante a fase ofensiva. Os dois subtemas apresentados pela ATR foram abordados separadamente nesta seção para detalhar as categorias de análise identificadas que contribuíram com a resolução do problema de pesquisa. O Subtema 1 expõe os resultados sobre a utilização do JQA para ofertar uma superioridade numérica ofensiva, enquanto o Subtema 2 apresenta características gerais do jogo sem goleiro e alguns aspectos pertinentes da utilização do JQA durante os períodos de exclusão para aproximar a relação numérica.

Subtema 1. Aspectos específicos do jogo em superioridade numérica com JQA.

O jogo de superioridade numérica com JQA considera as situações que sucedem a substituição do goleiro por um jogador de quadra (e.g. 6+JQA vs. 6, 6+JQA vs. 5 etc.). O subtema 1 agrupou as categorias de análise referentes às possibilidades de utilização do JQA a partir da superioridade numérica ofertada e aos comportamentos esperados pelos treinadores durante essa situação de jogo. Todos os treinadores participantes destacaram que o placar e o tempo de jogo influenciam suas decisões por utilizar ou não o JQA para produzir a superioridade numérica, como visto nos discursos a seguir:

Eu vejo o uso do JQA em situações de final de jogo e final de primeiro tempo e em situações que está em inferioridade no placar (T3F).

Eu acredito que o JQA é uma opção que se utiliza muito na busca de mudar um cenário ruim dentro de uma partida. [...] Finais de jogo onde precisa-se tirar uma vantagem, ou matar um jogo também se utiliza muito (T6M).

O tempo de jogo mostrou-se relevante de acordo com os participantes – muitas vezes vinculado também ao placar negativo –, principalmente nos minutos finais de cada período de jogo, como relatado em outros estudos (13, 14, 17). O placar da partida como uma das condições para o uso do JQA também já havia sido verificado anteriormente à alteração do regulamento (14) e constatada em pesquisas de caráter analítico, que detectaram a utilização da estratégia durante placares negativos (13, 17) e

positivos (17, 19). Os treinadores consideraram as duas possibilidades de acordo com as características da equipe, o modelo de jogo e o desempenho durante o jogo. Destacou-se que a superioridade promovida pela utilização do JQA possibilitou que equipes possam superar um baixo desempenho ofensivo (T1M, T3F, T6M e T7M) e equilibrar jogos entre equipes tecnicamente desequilibradas (T1M, T2F e T3F), assim apresentados:

Quando você tentou várias ações ofensivas e seu time não respondeu ou a defesa foi muito melhor, alguma coisa tem que ser feita, você vai trocar um jogador, vai pedir um timeout... Evidente que isso não é uma regra, mas tem que estar inserido no contexto do treinador. Colocar o JQA vai mudar, pode ser uma forma de quebrar a defesa (T7M).

É positivo ter o JQA como estratégia, porque é um recurso a mais para jogar com um time superior ao seu. Enfrentar de igual para igual, porque você pode equilibrar o jogo (T3F).

Percebeu-se a possibilidade de utilização do JQA diante de um mal desempenho ofensivo, ou seja, uma sequência de ações não eficazes no ataque, o que representa que os treinadores almejam que suas equipes marquem gols para mudar o panorama do jogo, como observado em outros estudos com o JQA (13, 19, 23). Os treinadores também reforçaram a necessidade de dominar os conteúdos pertinentes à estratégia para o jogo de handebol, corroborando pesquisas que investigaram o processo de treino do JQA, além de indicarem condicionantes relevantes para a produção do modelo de jogo e do processo de treino das equipes de handebol. Os participantes ainda sugeriram a possibilidade de jogar muitos minutos em situação de superioridade numérica (e.g. 6+JQA vs. 6) como uma ferramenta para equilibrar as ações diante de um jogo entre equipes de níveis técnicos distintos, o que indica problemas de investigação pertinentes para que se compreenda o desempenho de equipes que utilizam o JQA e mostram desempenho inferior ao seu adversário durante as competições.

A superioridade numérica com o JQA apresentou-se como alternativa ofensiva para diminuir a pressão defensiva do adversário, segundo todos os treinadores entrevistados. Os discursos destacados a seguir reforçaram a possibilidade do JQA diante de sistemas defensivos abertos (em duas ou mais linhas) e mistos:

[Pode-se utilizar] O JQA quando você tem certeza de que sua equipe não tem condições de atacar uma defesa aberta, porque você perde a continuidade da bola. Como

tem que acelerar muito o jogo, o melhor é jogar com 7, porque permite-se uma quantidade de passes maior (T5M).

A vantagem de jogar 7x6 é a superioridade numérica que impede a pressão defensiva, uma defesa um pouco mais aberta [...]. Forçar a defesa adversária a jogar mais com bloqueios e menos com interceptação, pressão e contato direto (T6M).

A assimetria numérica dificulta a manutenção da relação direta de oposição entre atacantes e defensores (13, 21, 72), dessa forma os participantes destacaram que o uso do JQA para gerar uma superioridade numérica é uma possibilidade estratégica para diminuir a pressão exercida pelos defensores adversários por meio de sistemas estruturados em duas ou mais linhas (5:1, 4:2, 3:3, 3:2:1) ou de forma mista (5+1, 4+2 etc.). O jogo com JQA na superioridade numérica traz implicações na organização espacial que, provavelmente, influenciaram na preferência de sistematização com três jogadores na primeira linha e quatro na segunda linha (com dois pivôs) em detrimento do uso com apenas um pivô e quatro jogadores na primeira linha ofensiva.

A sistematização ofensiva e o posicionamento dos pivôs na situação de 7x6 também foi destacada pelos treinadores:

Muitas equipes usaram os dois pivôs entre segundo e terceiro marcador, porque libera os meias para atacar o espaço entre primeiro e segundo criando maior dificuldade para os segundos defensores. Já o central consegue atacar reto em cima dos terceiros defensores, e, caso um deles avance, pode jogar com os pivôs (T1M).

Eu já vi treinadores que jogam com 1 pivô, 2 centrais e 2 laterais. Já vi treinador que joga com 3 pivôs e 2 armadores. O básico é trabalhar com 2 pivôs, 3 armadores e 2 pontas (T5M).

Dois pivôs entre segundo e terceiro para os dois laterais fixarem seus marcadores e abrir o meio. Dependendo dos movimentos, pode fazer um jogador muito grande receber a bola contra um jogador pequeno nas costas (T7M).

Todos os treinadores destacaram que a possibilidade de jogo em superioridade numérica com JQA permite a utilização de dois pivôs na segunda linha ofensiva, assim como a sistematização com quatro jogadores na primeira linha. A utilização de dois pivôs em situações de superioridade numérica com JQA foi a usual no campeonato mundial masculino de 2017 (19). Identificou-se que o posicionamento dos pivôs interfere nos comportamentos dos companheiros possibilitando a busca por pareamentos

de defensores e atacantes com características incompatíveis que favorecem ações ofensivas positivas. Para além da sistematização dos atletas no campo de jogo, todos os treinadores reforçaram comportamentos relevantes para as equipas que utilizam o JQA ofertando a superioridade numérica, assim como pode ser observado nos trechos subsequentes:

O jogo propõe uma situação de superioridade numérica, que [para resolver] tem que ter passe, continuidade, é um jogo com espaços muito mais concretos para cada jogador. Dificilmente encontra-se possibilidade de contato corporal. Joga muito mais nos espaços, com estratégias e com percepção em relação ao como jogar (T5M).

O 7x6 tem a situação de chute de meia e longa distância. Os laterais têm que ter um bom chute de meia distância, mas eles têm que ter uma grande leitura para efetivar a superioridade. Oitenta por cento do 7x6 finaliza nos seis metros, servindo pivô e ponta, até com oportunidade de jogo do central nos seis metros. O central pode finalizar de meia distância, porém com um armador lateral que tira o terceiro do centro da defesa cria-se oportunidade para o central jogar a curta distância (T4F).

[É importante] O trabalho de paciência e de continuidade para o chute no momento certo. A continuidade e a tomada de decisão não podem ser robotizadas (T6M).

Os treinadores destacaram que a superioridade numérica ofensiva dificulta o contato corporal entre os jogadores, sinalizando que devam ser priorizados os deslocamentos para espaços entre os defensores em detrimento das situações 1 x 1. Embora o aumento da distância entre defensores e atacantes situações favoreça arremessos de longa distância, os treinadores destacaram que esperam mais arremessos das regiões próximas da área (6m) pelos pontas, pivôs e provenientes das infiltrações dos centrais e laterais. Para isso, os treinadores destacaram a capacidade das equipas serem pacientes durante a busca pela situação de um contra o goleiro para que efetivem a assimetria numérica e evitem o risco de perder a bola sem o goleiro no gol.

Os resultados apresentados reforçam comportamentos característicos das demais situações de superioridade numérica ofensiva sem JQA, como a busca pelas situações de um contra o goleiro e da busca por ataques nos espaços entre os defensores (75). Mesmo com as dificuldades encontradas na administração dos espaços com sete jogadores na zona ofensiva, os comportamentos ofensivos não se diferenciam das demais situações de assimetria já encontradas no jogo de handebol. Todos os

treinadores ainda reforçaram que as características da equipe e os riscos assumidos em deixar o gol vazio são fatores pertinentes para não utilizarem o JQA:

Dependendo da equipe é uma loucura usar o 7x6, mesmo treinando. Talvez não precise ter esse risco, pode ser uma estratégia nunca utilizar porque sabe-se que vai mal (T2F).

Às vezes o treinador prefere não correr o risco de fazer um ataque com 7 mal executado e tomar um gol durante jogos entre equipes muito equilibradas (T6M).

As características da equipe que se propõe a utilizar o JQA e o equilíbrio nas interações entre os jogadores do confronto apresentaram relação direta com os riscos que levaram os treinadores a refletir sobre não usarem o JQA, possibilitando a interpretação que as características das equipes, o modelo de jogo e o processo de treino e jogo podem interferir na decisão por utilizar ou não o JQA. Os resultados reforçaram que para a elaboração e avaliação do modelo de jogo de uma equipe deve-se levar em consideração as características e as possibilidades de desenvolvimento dos jogadores, bem como os modelos de jogo dos adversários (59). O resultado apresentado suscitou novos questionamentos relacionados às características dos jogadores e dos modelos de jogos das equipes que favoreçam a implementação da estratégia de utilização do JQA para jogar em superioridade numérica.

Subtema 2. Características do uso do JQA para aproximar a relação numérica e do jogo sem goleiro.

Os treinadores entrevistados destacaram outros dois pontos sobre a utilização do JQA que sustentaram a produção do subtema 2, sendo eles: 1. as características pertinentes à utilização do JQA para aproximar a relação numérica durante os períodos de exclusão (e.g. 5+JQA x 6, 4+JQA x 6 etc.); e 2. os direcionamentos para o jogo ofensivo sem goleiro. A justificativa encontrada pelos treinadores participantes para o emprego do JQA durante os períodos com exclusão está relacionada à tentativa de otimizar as ações ofensivas por meio da igualdade numérica, conforme os discursos a seguir:

[Com a utilização do JQA durante momentos de exclusão] você consegue igualar o seu jogo ofensivo com outra equipe e trabalhar ataques que antes não conseguiria. A equipe adversária poderia mudar o sistema defensivo e

criar uma situação que não dá mais, porque você coloca o JQA e consegue uma igualdade (T2F).

Quando a gente joga 6x6 [com JQA ou sem] seu objetivo é criar um 1x1 em uma situação muito desfavorável para o defensor, ou uma defesa muito plana com uma situação muito favorável para finalização, ou uma situação de 1x0 (T7M).

Os resultados apresentados destacam a possibilidade do uso do JQA como uma alternativa diante dos eventuais prejuízos de jogar em inferioridade numérica, pois permite equilibrar as ações ofensivas em igualdade numérica, como explorado em outros estudos (13, 14, 16, 17, 19, 20, 22, 23). A análise da eficácia dessa estratégia nas situações de exclusão tem mostrado resultados divergentes. Nos Jogos Olímpicos e no Campeonato Europeu masculinos de 2016 a estratégia não apresentou diferenças positivas significativas (17, 20), ao passo que nos Campeonatos Mundiais de 2017 (masculino e feminino) e no Campeonato Europeu masculino de 2020 a estratégia mostrou-se mais eficaz que as situações nas quais não utilizaram o JQA nos períodos com exclusão (19, 22, 23). Percebe-se, nesse sentido, um possível amadurecimento do uso do JQA ao longo dos anos pelas equipes adultas para igualar a relação numérica. Os resultados apresentados nas competições internacionais refletem na ATR das entrevistas dos treinadores brasileiros participantes.

A ATR revelou que o uso do JQA durante os períodos com exclusão. No período de 1982 a 2014, houve aumento no número de punições de dois minutos (73). As equipes que sofrem uma punição de dois minutos acabam sofrendo com a assimetria numérica, favorecendo melhoria de desempenho ofensivo do adversário e contribuindo para a conquista de pontos (70). Na análise dos momentos de assimetria numérica dos Jogos Panamericanos de 2015 identificou-se que as equipes vencedoras são mais eficazes que as perdedoras durante esses períodos (74). Percebeu-se que a utilização do JQA para buscar aproximar a relação numérica após suspensão de dois minutos justifica-se na busca por maior eficácia ofensiva, como uma alternativa para alterar um panorama negativo criado pelas exclusões

Os treinadores sinalizaram em seus discursos que o JQA permite igualar a relação numérica aumentando o tempo de ataque:

[Utilizo o JQA durante períodos com exclusão] para aumentar a posse de bola, ter possibilidade de um aumento do número de passes e continuidade da ação de

ataque. Isso tudo é vantagem para quem está atacando, dependendo do sistema defensivo (T5M).

Dependendo dos movimentos da defesa, o seu tempo de posse de bola acaba sendo modificado durante inferioridade numérica. Tem que ter a intenção do gol, pressionar, se não rapidamente fica comprovada a ação de passivo. A defesa [comporta-se] de forma que o ataque tem que finalizar em 15, 20 segundos. Enquanto em uma ação de 6x6 [com JQA] o tempo vai para 40 segundos. A equipe punida defende com um a menos e pode ser que tome um gol, mas ela ataca em igualdade possibilitando que ela faça um gol. Antes os desequilíbrios entre superioridade numérica é que decidiam o jogo, agora pode ser que não (T7M).

Os discursos de todos os treinadores evidenciaram que a igualdade numérica possibilitada pelo uso do JQA durante os períodos de exclusão permite ataques mais duradouros pelo aumento da possibilidade de passes e diminuição da pressão adversária, como relatado em outras pesquisas (13, 14), o que poderia dificultar um resultado negativo durante a parcial de dois minutos de exclusão. Não há limite de tempo de duração do ataque no handebol, embora exista uma regra (do jogo passivo) que permite que o árbitro sinalize a falta de ofensividade da equipe atacante, momento a partir do qual restarão seis passes para que a posse de bola seja finalizada. O tempo de jogo foi abordado em pesquisas anteriores partindo da busca por uma categorização dos momentos em que houve utilização do JQA (16, 17, 23), entretanto não foram relatados estudos que investigaram o comportamento do tempo de ataque durante o uso da estratégia ou dos momentos com exclusão.

A utilização de um JQA para aproximar a relação numérica não é novidade no handebol (14), porém alguns comportamentos vinculados ao fato de jogar sem goleiro ganham destaque para o jogo com JQA após as alterações regulamentares de 2016 (11, 12), como buscar o arremesso no setor da quadra oposto à zona de substituição, a preocupação com a precipitação dos ataques e a possibilidade de substituir o goleiro por um JQA a qualquer momento correndo menos risco. Todos os treinadores destacaram que os ataques devem tentar arremessar do lado oposto à zona de substituição, como pode ser observado nos seguintes trechos:

O importante do ataque [sem goleiro] é que sempre termine com a finalização e pós finalização que saia o jogador para troca do goleiro, isso é muito importante (T6M).

De preferência a finalização tem que acontecer no lado oposto da zona de substituição, mas a equipe adversária também prevê isso então oferece mais o espaço do lado da substituição (T2F).

A ideia ofensiva normalmente é essa de você tentar gerar uma superioridade no lado contrário da troca, para que você consiga fazer a troca com um pouco mais de tranquilidade (T3F).

A ATR ressaltou a necessidade de conexão entre a fase ofensiva com o retorno defensivo, principalmente com a utilização do JQA e a exposição de jogar sem goleiro. Mostrou-se necessário que os atacantes procurem, na medida do possível, arremessar do lado contrário da zona de substituição, o que permite que os jogadores situados próximos estejam livres para se anteciparem à finalização e fazerem a substituição. O discurso do treinador T2F reforça a importância da adaptação do ataque diante do contexto encontrado, pois o jogo de handebol apresenta-se como um fenômeno complexo e sistêmico caracterizado pelo confronto simultâneo entre objetivos opostos (6). Antes da alteração regulamentar de 2016, o processo de avaliação e análise do JQA considerava o posto específico que ele ocupava (16, 17), pois a regra estipulava que esse jogador deveria estar uniformizado como o goleiro. Após a alteração nessa regra não há necessidade de especificar um jogador como JQA, o que influenciou a escolha das variáveis o processo de análise, como local de finalização da ação e sistematização ofensiva.

Segundo os treinadores deve-se tentar atrasar a transição ofensiva da equipe adversária para que possa ser feita a substituição e o retorno do goleiro da própria equipe. Para isso, eles consideram importante encerrar a ação ofensiva com um arremesso para que o adversário leve mais tempo para ter o controle da bola em uma região que ofereça menos riscos. Para que a etapa de retorno defensivo seja eficaz e possibilite organizar uma defesa temporária é necessário um rápido retorno para obstruir uma possível cobrança rápida de tiro de saída e dificultar o contra-ataque adversário (4, 5). A falta de um goleiro posicionado no gol contribui para comportamentos conservadores na fase ofensiva com JQA, como destacado pelos treinadores nos trechos a seguir:

Se você não tem um nível de passe, de fundamento, muito bom, você perde a bola e toma o gol (T4F).

A desvantagem é estar jogando sem goleiro. O contra-ataque pode favorecer um gol fácil, enquanto o gol sem

goleiro é mais fácil ainda. Tem que medir muito para saber que horas você vai fazer isso (T7M).

A única determinação é que ninguém pode pegar a bola e fazer qualquer coisa. Quando estou sem goleiro, isso é proibido. A gente tem que partir de um ataque onde o ginásio inteiro saiba que a finalização vai acontecer naquele momento. Se alguém arremessar de qualquer jeito, é impossível conseguir antecipar a troca com a goleira (T2F).

Atuar sem goleiro eleva o nível de risco do jogo por permitir que o adversário anote gols de longa distância rapidamente e sem dificuldades. Segundo os treinadores é necessário avaliar o contexto para optar pela utilização do JQA, sendo que o modelo de jogo construído pelo treinador deve considerar assumir tais riscos ou um comportamento conservador em determinados contextos de jogo. O risco elevado atribuído à utilização do JQA apresentou implicações para o processo de avaliação e análise da estratégia. Pesquisas recentes destacaram que a utilização do JQA não implicou diretamente em gols da equipe adversária (17, 20, 23), de onde percebe-se que as equipes têm apresentado relativo sucesso diante dos riscos atrelados a essa estratégia.

Por outro lado, o destaque dado pelo treinador T2F no trecho destacado reforça uma previsibilidade que não se mostra produtiva ao ataque. Dessa forma, entendeu-se que o treinador espera que o ataque seja previsível de uma maneira semelhante ao jogo pré-fabricado (76) para antecipar a finalização e acelerar a substituição, entretanto os comportamentos excessivamente automatizados podem facilitar a antecipação defensiva (76) e aumentar a previsibilidade das ações. Embora esse discurso mostrou-se aliado à preocupação com o gol desprotegido, optar pelo jogo pré-fabricado pode aumentar a frequência de perda de posse da bola, associada à facilidade da defesa em antecipar as ações ofensivas e influenciando no desempenho da equipe que utiliza o JQA para obter superioridade ou igualdade numérica.

Os treinadores apontaram outra possibilidade permitida pela alteração do regulamento em 2016 (11, 12), que é a entrada do JQA durante a fase ofensiva para surpreender a defesa adversária:

A gente criava uma situação de desdobramento e, ao mesmo tempo que a defesa buscava equilibrar o lado da ação, entrava o JQA para criar uma superioridade numérica momentânea na região contrária (T1M).

As defesas mistas são difíceis hoje, porque se tirar alguém das linhas de defesa para marcar alguém

individual, a outra equipe coloca o JQA a qualquer momento (T2F).

Os treinadores destacaram que depois da alteração regulamentar de 2016 há a possibilidade de substituir o goleiro pelo JQA em momentos-chave para que este atleta surpreenda a defesa e defina a vantagem momentânea criada. Essa estratégia era facilmente punida com as regras anteriores, pois, se o jogador caracterizado como JQA finalizasse o ataque, a substituição com o goleiro era atrasada e a equipe adversária poderia aproveitar o gol vazio para obter pontos por meio de um contra-ataque ou tiro de saída rápido. Foi destacado pelo treinador T2F que a possibilidade de substituir o goleiro pelo JQA a qualquer momento dificulta a manutenção de defesas mistas e sinaliza o JQA como uma ferramenta importante diante dessas propostas defensivas. Os resultados expostos reforçam as novas possibilidades de organização (9, 68) vistas no jogo de handebol desde a alteração regulamentar de 2016, porque as equipes tiveram que adaptar comportamentos específicos para se adequar as modificações e alcançar o melhor desempenho possível.

CONCLUSÕES

Os treinadores brasileiros destacaram duas possibilidades de uso do JQA durante a fase ofensiva do jogo de handebol, uma utilizada para buscar superioridade numérica e outra para aproximar a relação numérica durante momento de exclusão na própria equipe. A utilização do JQA mostrou-se relacionada com as características dos jogadores disponíveis, o modelo de jogo desenvolvido, e o contexto do jogo (placar de jogo, tempo e o desempenho ofensivo). Os momentos de uso do JQA para proporcionar a vantagem numérica justificam-se pela busca por dificultar a pressão da defesa adversária sobre as ações ofensivas e, também, para favorecer ações de um contra o goleiro. Já a utilização do JQA durante os momentos de exclusão pretende igualar a relação numérica permitindo criar mais linhas de passe, aumentar o tempo de ataque e equilibrar as ações ofensivas. Identificaram-se alguns comportamentos inerentes ao jogo sem goleiro, como a escolha pelo melhor momento para o arremesso (e evitar perdas de posse da bola), os arremessos do setor contrário à zona de substituição e a possibilidade de substituições inesperadas para obter vantagens momentâneas.

Os resultados produzidos pela ATR permitiram identificar possibilidades de jogo com JQA que podem contribuir com o desenvolvimento profissional de treinadores de handebol, assim como outros membros das comissões técnicas de equipes. Comportamentos pertinentes ao jogo sem goleiro, seja em superioridade numérica ou na tentativa de aproximação na relação numérica, foram identificados e ofereceram subsídios importantes para o processo de avaliação e de adaptação dos modelos de jogo para utilização do JQA. O estudo gerou resultados e discussão que aprofundaram o conhecimento sobre um tema que, devido às alterações regulamentares, está em evidência e origina diversos problemas nos campos teóricos e práticos do handebol.

Os resultados sugerem novas possibilidades para investigações futuras, como: 1. A fase ofensiva com utilização do AFP por meio de pesquisas *in loco*; 2. A eficácia dos diferentes sistemas ofensivos diante da utilização do AFP em situações de igualdade numérica; e 3. A eficácia dos diferentes sistemas ofensivos diante da utilização do AFP em situações de superioridade numérica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa qualitativa, a entrevista semiestruturada e a ATR mostraram-se como escolhas pertinentes e adequadas para alcançar os objetivos propostos, bem como para auxiliar na produção de dados que podem suscitar o debate pela temática investigada. Quando recorreu-se aos discursos dos treinadores para a produção dos dados da pesquisa, buscou-se analisar como esses subjetivaram sua prática referente à utilização e ao treino do JQA. Assim, assumiu-se como uma possível limitação desta pesquisa a dificuldade em constatar se o que foi abordado pelos treinadores realmente está presente em seu contexto prático.

Foram identificados três temas relevantes para a análise da utilização da estratégia do JQA no processo do treino e do jogo de handebol. Tais temas permitiram identificar que a alteração regulamentar de 2016 suscitou novas possibilidades organizacionais ao jogo de handebol, o que implicou em reflexões pertinentes para o processo de treino e para as fases ofensiva e defensiva do jogo. Destacou-se que a utilização do JQA requer conhecimentos estratégicos, táticos e técnicos que devem ser abordados ao longo do processo de treino. Os GBA mostram-se como uma alternativa coerente para o processo de treino dos comportamentos pertinentes ao jogo com JQA, embora alguns treinadores não tenham reconhecido algumas de suas potencialidades.

As possibilidades de utilização do JQA para buscar superioridade numérica e para aproximar a relação numérica durante os períodos com exclusão foram amplamente exploradas. As duas alternativas apresentaram comportamentos abordados em estudos anteriores sobre o uso do JQA antes da alteração regulamentar de 2016 ou naquelas que trataram de comportamentos ofensivos e defensivos pertinentes aos momentos de assimetria numérica. Por outro lado, a alteração regulamentar suscitou comportamentos específicos ao jogo sem goleiro não relatados anteriormente, independente da relação numérica, como a zona de finalização, o risco de jogar com o gol vazio e a possibilidade de substituição do JQA a qualquer momento.

Conclui-se que, para os treinadores brasileiros, o uso do JQA tem objetivos similares aos empregados à estratégia anteriormente às alterações regulamentares de 2016. Entretanto as modificações na regra do jogo trouxeram implicações ao jogo sem goleiro no handebol, ofertando novas possibilidades organizativas em que as equipes buscaram alternativas para melhor desempenho diante de diferentes cenários do jogo, como os períodos com exclusão de dois minutos, os momentos de baixo desempenho ofensivo, as situações finais de partida e nos períodos de vantagem ou desvantagem no

placar. Esta pesquisa construiu conhecimentos relevantes para o processo de modelação do jogo de handebol, que podem contribuir com a formação de novos treinadores, além de apontar questionamentos relevantes para o campo da pedagogia do esporte e do handebol. Por fim, não pretendeu-se esgotar o tema investigado, mas contribuir com conhecimentos pertinentes para a prática profissional dos agentes que poderão beneficiar-se com as contribuições.

REFERENCIAS

1. Freire JB. Ensinar esporte, ensinando a viver. Porto Alegre: Editora Mediação; 2012. 208 p.
2. Reis HHB. O ensino dos jogos coletivos esportivizados na escola. Brasil: Universidade Federal de Santa Maria; 1994.
3. Grehaigne JF, Godbout P. Tactical Knowledge in Team Sports From a Constructivist and Cognitivist Perspective. *Quest*. 1995;47(4):490-505.
4. Menezes RP, Morato MP, Marques RFR. Offensive and defensive strategies in handball during the transition phase from the perspective of experienced coaches. *Journal of Physical Education*. 2016;27(e2753):1-12.
5. Estriga MLD. Team handball: teaching and learning step-by-step. 1 ed. Portugal: Agência Nacional; 2019.
6. Menezes RP. Contribuições da concepção dos fenômenos complexos para o ensino dos esportes coletivos. *Motriz: rev educ fis*. 2012;18(1):34-41.
7. Garganta J. O ensino dos jogos desportivos colectivos. *Perspectivas e tendências. Movimento (ESEFID/UFRGS)*. 1998;4(8):19-27.
8. Morato MP, Gomes MSP, Almeida JJGd. Os processos auto-organizacionais do goalball. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. 2012;34:741-60.
9. Passos P, Araújo D, Davids K. Self-organization processes in field-invasion team sports : implications for leadership. *Sports Medicine*. 2013;43(1):1-7.
10. Souza CESe, Nozaki JM, Leitão A, Martins MZ. Goleiro-Linha e Linha-Goleiro: diferentes usos estratégico-táticos do goleiro na liga nacional de Futsal de 2016. *RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol*. 2019;10(41):655-62.
11. IHF IHF. Changes to the rules of the game. In: IHF, editor. 2016. p. <https://www.flh.lu/arbitrage/regles-rules>.
12. IHF IHF. New Rules : 7 field players – New tactical possibilities! https://www.youtube.com/watch?v=ynaGE_vlBRk2016.
13. Krahenbühl T, Menezes RP, Leonardo L. Elite coaches' opinion about the additional court player and the strategic-tactical structures in handball. *Motriz Revista de Educação Física*. 2019;25.
14. Antón García JL. Uso del " portero falso" en inferioridad numérica atacante: ¿ nueva aportación táctico-estratégica? *E-Balonmanocom: Revista de Ciencias del Deporte*. 2010;6(1):3-27.
15. IHF IHF. Rules of the game: Indoor Handball. In: IHF, editor. 2010. p. http://www.olympichandball.org/wp-content/IHF_Rules_01-7-2010.pdf.
16. Beitzegui-Casado C, Oliver-Coronado J, Sosa-González PI. PORTERO-JUGADOR EN SITUACIONES DE INFERIORIDAD NUMÉRICA OFENSIVA EN BALONMANO: ¿PENALIZACIÓN O VENTAJA? *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y del Deporte*. 2019;19(74).
17. Musa V, Modolo F, Tsuji G, Barreira C, Menezes RP. Participação do Goleiro-Linha no Handebol: Análise a Partir do Tempo de Jogo, Relação Numérica, Posto Específico e Match-Status. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. 2017;S1A:213-21.
18. IHF IHF. Rules of the game: Indoor Handball. In: IHF, editor. 2016. p. https://www.ihf.info/sites/default/files/2019-07/New-Rules%20of%20the%20Game_GB.pdf.
19. Prudente JN, Cardoso AR, Rodrigues AJ, Sousa DF. Analysis of the Influence of the Numerical Relation in Handball During an Organized Attack, Specifically the Tactical Behavior of the Center Back. *Frontiers in Psychology*. 2019;10.
20. Krahenbühl T, Souza N, Leonardo L, Galatti L, Costa G. The use of the additional field player in handball: analysis of the Rio 2016 Olympic Games. *RICYDE Revista internacional de ciencias del deporte*. 2019;57:295-306.

21. Leonardo L, Krahenbühl T, Menezes RP, Reverdito R, Scaglia A. Opiniões de treinadores sobre o uso do sétimo jogador de quadra contra o sistema defensivo individual obrigatório em competições de handebol das categorias sub-12 e sub-14. *Corpoconsciência*. 2019;23(1):1-12.
22. Maroja G, Silva J, Oliveira VCd, Filho JMCdA. Caracterização do ataque em sistema com a utilização da "baliza deserta" no handebol feminino. *Revista Brasileira do Esporte Coletivo*. 2020;4(1):10-20.
23. Gumus H, Gencoglu C. The effects of the goalkeeper substitution rule as a new strategy in handball: Analysis of Men's European Handball Championship 2020. *Acta Gymnica*. 2020.
24. Musa V, Menezes RP. Panorama científico de intervenciones y formación profesional de entrenadores: una revisión sistemática. *SPORT TK-Revista EuroAmericana de Ciencias del Deporte*. 2021;10(1):67-77.
25. Flick U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3 ed. Porto Alegre 2009.
26. Marconi MA, Lakatos EM. *Metodologia Científica*. 6 ed. São Paulo 2011.
27. Purdy L. Interviews. In: Nelson LG, R., Potrac P, editors. *Research methods in sports coaching*: Routledge; 2014. p. 161-70.
28. Thomas JR, Nelson JK, Silvermann SJ. *Research methods in physical activity*. 7 ed. USA: Human kinetics; 2012.
29. Braun V, Clarke V, Rance N. How to use thematic analysis with interview data. In: Vossler A, Moller N, editors. *The Counselling & Psychotherapy Research Handbook*. 1 ed: Sage; 2014. p. 183-97.
30. Braun V, Clarke V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*. 2006;3:77-101.
31. Menezes RP, Ramos NC, Marques RFR, Nunomura M. Teaching handball to U-16 and U-18 women s teams: coaches perspective on the long-term. *Motriz: Revista de Educação Física*. 2018;24.
32. Santos WR, Menezes RP. Especialização de jogadoras de handebol a partir dos discursos de treinadores. *Cuadernos de Psicología del Deporte*. 2019;19(3).
33. Duarte R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar em Revista*. 2004:213-25.
34. Portelli A, Fenelon DR. História oral como gênero. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*. 2001;22.
35. Braun V, Clarke V. Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*. 2019;11:1-9.
36. Aronson J. A Pragmatic View of Thematic Analysis. *The Qualitative Report*. 1995;2:1-3.
37. Marques RFR, Marchi Junior W. A cobertura midiática sobre o futsal masculino no Brasil: perspectiva dos atletas da seleção brasileira principal. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*. 2019;25:1-18.
38. Bento AL, Gilio JPT, Menezes RP. Strategies adopted in the defensive return by handball coaches from teams U-12 to U-18. [Artigo aceito para publicação]. In press 2020.
39. Braun V, Clarke V, Weate P. Using thematic analysis in sport and exercise research. *Routledge Handbook of Qualitative Research in Sport and Exercise*: Routledge; 2016.
40. Milistetd M, Ciampolini V, Salles WN, Ramos V, Galatti LR, Nascimento JV. Coaches' development in Brazil: structure of sports organizational programmes. *Sports Coaching Review*. 2016;5(2):138-52.
41. Musa V, Modolo F, Barreira C, Tsuji G, Menezes RP. Representações dos treinadores sobre o papel das instituições reguladoras do handebol para a sua formação. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. 2017;2017:298-306.
42. Tozetto AVB, Galatti LR, Milistetd M. Desenvolvimento profissional de treinadores esportivos no Brasil: perspectiva de aprendizagem ao longo da vida. *Pensar a Prática*. 2018;21.
43. Garganta J, Oliveira J. Estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos. In: Tavares JOaF, editor. *Estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos*: Porto: FCDEF-UP; 1996. p. 7-23.

44. Galatti LR, Bettega O, Paes RR, Reverdito RS, Seoane A, Scaglia AJ. O ensino dos jogos esportivos coletivos: avanços metodológicos dos aspectos estratégico-tático-técnicos. 2017;20:639.
45. Grehaigne JF, Godbout P, Bouthier D. The Foundations of Tactics and Strategy in Team Sports. *Journal of Teaching in Physical Education*. 1999;18:159-74.
46. Bayer C. O ensino dos desportos colectivos. 1 ed. Lisboa 1994.
47. McGarry T, Anderson DI, Wallace SA, Hughes MD, Franks IM. Sport competition as a dynamical self-organizing system. *Journal of Sports Sciences*. 2002;20(10):771-81.
48. Reverdito RS, Scaglia AJ, Paes RR. Sport pedagogy: current panorama and conceptual analysis of the main approaches. *Motriz: Revista de Educação Física*. 2009;15(3):600-10.
49. Bunker D, Thorpe R. The curriculum model. In: Rod Thorpe DB, Len Almond, editor. *Rethinking games teaching* 1986. p. 7-10.
50. Kinnerk P, Harvey S, MacDonncha C, Lyons M. A Review of the Game-Based Approaches to Coaching Literature in Competitive Team Sport Settings. *Quest*. 2018:1-18.
51. Light RL, Harvey S. Positive Pedagogy for sport coaching. *Sport, Education and Society*. 2017;22(2):271-87.
52. Arias-Estero JL, Jaquero P, Martínez-López AN, Morales-Belando MT. Effects of Two TGfU Lessons Period on Game Performance, Knowledge and Psychosocial Variables in Elementary Physical Education. *International Journal of Environmental Research and Public Health*. 2020;17(10):3378.
53. Menezes RP, Marques RFR, Nunomura M. Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. *Movimento*. 2014;20(1):351-73.
54. Dallegrave EJ, Mendes JC, Nascimento JV. Estrutura organizativa do processo de treinamento técnico-tático nas categorias de formação no handebol feminino. *E-Balomancom: Revista de Ciencias del Deporte*. 2018;14(2):65-70.
55. Farias CF, Mesquita IR, Hastie PA. Game Performance and Understanding Within a Hybrid Sport Education Season. *Journal of Teaching in Physical Education*. 2015;34(3):363-83.
56. Aquino R, Puggina E, Alves I, Garganta J. Skill-Related Performance in Soccer: A Systematic Review. *Human Movement*. 2017;18.
57. Salles WN, Collet C, Porath M, Milistetd M, Nascimento JV. Factors associated to performance efficacy of technical-tactical actions in volleyball. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*. 2017;19:74-83.
58. Modolo F, Menezes RP. Características técnico-táticas dos goleiros de handebol da categoria sub- 16: opinião de treinadores brasileiros. *Cuadernos de psicología del deporte*. 2019;19(1):206-21.
59. Mendes JC, Greco PJ, Ibáñez SJ, Nascimento JV. Construcción del modelo de juego en balonmano. *Pensar en Movimiento: Revista de Ciencias del Ejercicio y la Salud*. 2020;19(1):e42052.
60. Menezes RP. Modelo de análise técnico-tática do jogo de handebol: necessidades, perspectivas e implicações de um modelo de interpretação das situações de jogo em tempo real. Campinas-SP, Brazil.: Universidade Estadual de Campinas; 2011.
61. Menezes RP, Marques RFR, Nunomura M. O ensino do handebol na categoria infantil a partir dos discursos de treinadores experientes. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*. 2015;21(2):463-77.
62. Durand-Bush N, Salmela JH. The Development and Maintenance of Expert Athletic Performance: Perceptions of World and Olympic Champions. *Journal of Applied Sport Psychology*. 2002;14(3):154-71.
63. Greco PJ. Proposta de um modelo para sistematização do processo de ensino-aprendizagem-treinamento tático nos jogos esportivos coletivos. *Kinesis*. 1997(17):87-104.
64. Machado JC, Ribeiro J, Palheta C, Alcantara C, Barreira D, Guilherme J, et al. Changing Rules and Configurations During Soccer Small-Sided and Conditioned Games. How Does It Impact Teams' Tactical Behavior? *Frontiers in Psychology*. 2019;10:1-13.

65. Yntsan D, Carvalho T, Casanova F, Silva P. Number of players manipulation effect on space and concentration principles of the game representativeness during football small-sided and conditioned games. *Journal of Physical Education and Sport*. 2019;19:381-6.
66. Mendes JC, Dallegrave EJ, Nascimento JV. Structuring of the technical-tactical training process of brazilian women's handball teams. *E-Balonmano com: Revista de Ciencias del Deporte*. 2018;14(2):71-8.
67. Menezes RP, Pérez BL, Galatti LR. Entrenamiento de balonmano en las categorías junior y senior: diferencias y similitudes. *SPORT TK-Revista EuroAmericana de Ciencias del Deporte*. 2020:87-94.
68. Ribeiro J, Davids K, Araújo D, Guilherme J, Silva P, Garganta J. Exploiting Bi-Directional Self-Organizing Tendencies in Team Sports: The Role of the Game Model and Tactical Principles of Play. *Frontiers in Psychology*. 2019;10(2213).
69. Garganta J. Modelação táctica em jogos desportivos – A desejável cumplicidade entre pesquisa, treino e competição. In: F. Tavares AG, J. Garganta & I. Mesquita, editor. *Olhares e Contextos da Performance nos jogos desportivos*. 1 ed. Porto: Universidade do Porto: Faculdade de Desporto; 2008. p. 108-21.
70. Prieto J, Ruano M, Sampaio J. Players' exclusions effects on elite handball teams' scoring performance during close games. *International Journal of Performance Analysis in Sport*. 2017;15:983-96.
71. Sato T, Tsuda E, Ellison D, Hodge SR. Japanese elementary teachers' professional development experiences in physical education lesson studies. *Physical Education and Sport Pedagogy*. 2020;25(2):137-53.
72. Antón García JL. *Balonmano - Táctica grupal defensiva: concepto, estructura y metodología*. Granada: Grupo Editorial Universitario; 2002.
73. Pueo B, Espina-Agullo J. Relationship between exclusions and final results in European Championships, World Championships and Olympic Games in men's handball 1982-2014. *Journal of Physical Education and Sport*. 2017;17:1158-62.
74. Trejo-Silva A, Camacho-Cardenosa A, Camacho-Cardenosa M, González-Ramírez A, Brazo-Sayavera J. Offensive performance under numerical inequality during exclusions in female handball. *RICYDE Revista internacional de Ciencias del Deporte*. 2020;16(62):396-409.
75. Antón García JL. *Balonmano - Táctica grupal ofensiva: concepto, estructura y metodología*. Granada: Grupo Editorial Universitario; 1998.
76. Molina SF. Organización didáctica del proceso de enseñanza: aprendizaje para la construcción del juego ofensivo en balonmano. *e-balonmanocom: Revista de Ciencias del Deporte*. 2006;2(4):53-66.

ANEXOS

ANEXO 1 - APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: O DISCURSO DE TREINADORES DE HANDEBOL DO ESTADO DE SÃO PAULO SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM-TREINAMENTO EM DIFERENTES CATEGORIAS

Pesquisador: Rafael Pombo Menezes

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 39796814.8.0000.5659

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.410.003

Apresentação do Projeto:

O presente projeto versa sobre o processo de ensino-aprendizagem-treinamento (EAT) nas etapas de formação esportiva de handebol e os indicativos sobre a distribuição dos conteúdos ao longo desse processo. É um estudo exploratório, de abordagem qualitativa utilizando o Discurso do Sujeito Coletivo como referencial metodológico. Os participantes serão treinadores de handebol que falarão, por meio de entrevistas semiestruturadas. Será verificado o conteúdo do discurso dos treinadores de handebol de nível Regional, diante das suas expectativas em relação ao ensino dos conteúdos (defensivos e ofensivos) e os procedimentos pedagógicos adotados para melhorar a capacidade de seus jogadores de intervirem de forma inteligente em diferente cada etapa do processo de EAT.

Objetivo da Pesquisa:

Identificar a distribuição dos conteúdos (ofensivos e defensivos) ao longo do processo de EAT e os procedimentos pedagógicos adotados pelos treinadores de nível Regional.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

"Esta pesquisa apresenta como risco acessar sentimentos do sujeito durante a entrevista, podendo

Endereço: Avenida Bandeirantes, 3900

Bairro: VILA MONTE ALEGRE

CEP: 14.040-907

UF: SP

Município: RIBEIRÃO PRETO

Telefone: (16)3315-0494

E-mail: cep90@usp.br

Continuação do Parecer: 1.410.003

causar algum tipo de emoção negativa. Caso haja alguma intercorrência o pesquisador providenciará todo o suporte necessário. Já o benefício relacionado à participação dos treinadores será de possibilitar a ampliação dos horizontes de conhecimento científico para a área de Educação Física e Esporte, em específico para o handebol nacional".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa está apresentado com fundamentação teórica e metodológica adequadas, sustentado por revisão da literatura atual. O tema é relevante e pertinente à área da educação física e do comportamento humano. Os aspectos éticos fundamentais para pesquisas com seres humanos estão claros no projeto:

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos obrigatórios são adequados e foram devidamente apresentados.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as solicitações foram atendidas.

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto encontra-se APROVADO para execução. Pedimos atenção aos seguintes itens:

- 1) De acordo com a Resolução CNS n.º 466/2012, o pesquisador deverá apresentar relatórios semestrais (parciais e final, em função da duração da pesquisa);
- 2) Eventuais emendas (modificações) ao protocolo devem ser apresentadas, com justificativa, ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada. Neste caso, o pesquisador deve aguardar nova aprovação do CEP para realizar os procedimentos de acordo com as mudanças solicitadas;
- 3) Sobre o TCLE: caso o termo tenha DUAS páginas ou mais, lembramos que no momento da sua assinatura, tanto o participante da pesquisa (ou seu representante legal) quanto o pesquisador responsável deverão RUBRICAR todas as folhas, colocando as assinaturas na última página;
- 4) Caso haja instituição(ões) coparticipante(s) no projeto, atender a solicitação da carta n.º 0212/CONEP/CNS, de 21 de outubro de 2010.

Endereço: Avenida Bandeirantes, 3900
 Bairro: VILA MONTE ALEGRE CEP: 14.040-907
 UF: SP Município: RIBEIRÃO PRETO
 Telefone: (16)3315-0404 E-mail: cep90@usp.br

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE DE RIBEIRÃO PRETO

Continuação do Parecer: 1.410.003

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_650777 E1.pdf	07/01/2016 10:10:00		Aceite
Outros	Emenda.docx	07/01/2016 10:09:14	Rafael Pombo Menezes	Aceite
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE - corrigido.docx	07/01/2015 14:49:18		Aceite
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	11/12/2014 11:03:58		Aceite
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	MENEZES, RP (2015) Projeto de Pesquisa - CEP2.docx	11/12/2014 11:03:52		Aceite
Folha de Rosto	Folha de Rosto.pdf	11/12/2014 08:56:14		Aceite

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIBEIRÃO PRETO, 15 de Fevereiro de 2016

Assinado por:
Carlos Roberto Bueno Júnior
(Coordenador)

Endereço: Avenida Bandeirantes, 3900
Bairro: VILA MONTE ALEGRE CEP: 14.040-907
UF: SP Município: RIBEIRÃO PRETO
Telefone: (16)3315-0494 E-mail: cep90@usp.br

ANEXO 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Bloco 1
Qual é sua idade?
Fale sobre sua formação acadêmica. Possui curso de graduação? Possui curso de pós-graduação?
Há quanto tempo você atua como treinador de handebol?
Atua ou já atuou em outras categorias? Quais? Há/Durante quanto tempo?

Quadro 3. Quadro com as perguntas norteadoras do bloco 1 da entrevista semiestruturada.

Bloco 2
Fale o que você entende por técnica.
Fale o que você entende por tática.
Fale o que você entende por estratégia.
Fale sobre a mudança da regra do JQA.
Comente sobre a relação do JQA com o contexto do jogo. Como você acredita que o JQA interfere no jogo?

Quadro 4. Quadro com as perguntas norteadoras do bloco 2 da entrevista semiestruturada.

Bloco 3
Em que momentos do jogo você tem observado a utilização do JQA? Você costuma utilizar o JQA? Fale sobre.
Fale sobre sua decisão para utilizar o JQA. O que influencia?
Fale sobre as vantagens e desvantagens da utilização dessa estratégia para atacar em situação de 7x6. E em situações de inferioridade numérica de 1, 2 ou mais atletas, como 6x6, 5x6 e outras?
Fale sobre a abordagem do JQA nos treinamentos da sua equipe.
Fale sobre a substituição para o uso do JQA. Como você aborda esse aspecto no treinamento?
Fale sobre o tempo de permanência do JQA. Quais ações coletivas são importantes durante sua permanência em quadra?
Ao utilizar o JQA, fale sobre suas expectativas em relação ao comportamento coletivo da defesa adversária. Na sua opinião, o que se mostra mais efetivo por parte da defesa diante dessa estratégia?

Quadro 5. Quadro com as perguntas norteadoras do bloco 3 da entrevista semiestruturada.